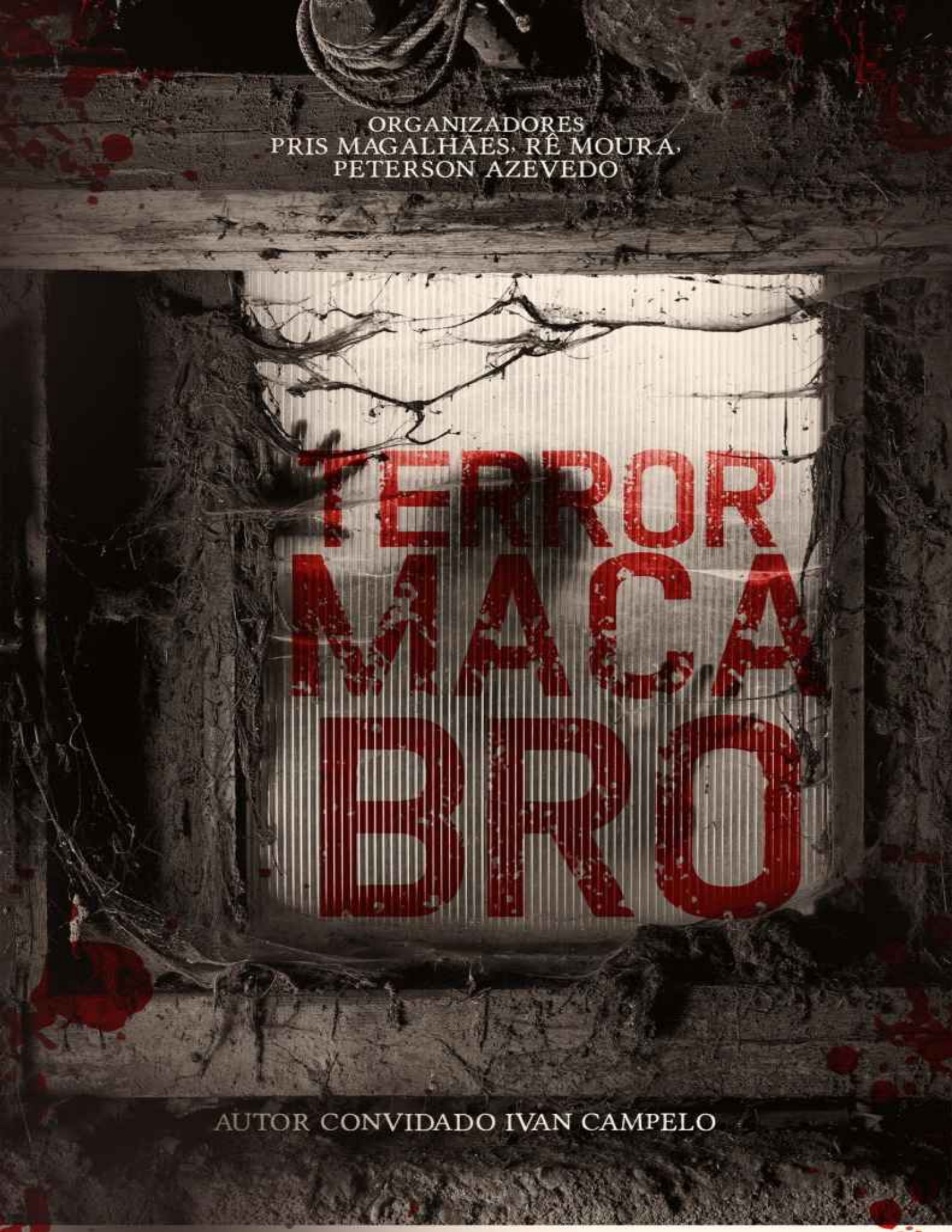




ORGANIZADORES
PRIS MAGALHÃES, RÊ MOURA,
PETERSON AZEVEDO

TERROR MACABRO

AUTOR CONVIDADO IVAN CAMPELO



TERROR MACA BRO

Organizadores

Pris Magalhães
Renata Moura
Peterson Azevedo

Autor Convidado

Ivan Campelo

Copyright © 2018 – Todos os direitos reservados

Organizadores: Pris Magalhães, Rê Moura, Peterson Azevedo.

Capa: Alice Capista

Diagramação: Factorial Design

P172s Magalhães, Pris – Moura, Rê — Azevedo, Peterson

Antologia Terror Macabro

São Paulo /SP:2019

1. Conto. 2. Ficção. Terror

CDD: B869.35

Todo conteúdo é protegido pela lei de direitos autorais e direitos conexos. É expressamente proibido sua cópia, reprodução, difusão, transmissão, utilização, modificação, venda, publicação, distribuição ou qualquer outro uso, na totalidade ou em parte, em qualquer tipo de suporte ou sem prévia autorização por escrito da autora.

Contato com a autora Pris Magalhães pelo email:
priscamagal@yahoo.com.br

Link principal <https://linktr.ee/priscamagal>

Os Monstros existem, e os fantasmas também; eles estão dentro de nós, e às vezes eles vencem.

Stephen king

Índice

[Prefácio](#)

[O Portal de Carne Escarlate](#)

[Viajante Fantasma](#)

[O Presente](#)

[Eu Acredito](#)

[Caixão Vazio, Casa Cheia](#)

[Filtro](#)

[Vírus 27](#)

[A Terrível História de Marcelo Pão de Queijo](#)

[Enterrado Vivo](#)

[Feliz Aniversário, Brilhantina do Sul!](#)

[Hora de Caçar](#)

[Noite Branca](#)

[O Festival](#)

[Eu Vim Te Buscar](#)

[Hereditário](#)

[O Zelador](#)

Prefácio



Há no mundo coisas que fogem à nossa compreensão humana, nos levando aos mais diversos questionamentos e, por vezes, chegando às raias da loucura.

Estudiosos dos mais diferentes segmentos já tentaram, muitas vezes, designar os fatores que acometem os humanos e os leva a atos insanos contra si ou outrem, contudo, há que se assinalar que para muitas perguntas não existem respostas, mas apenas frestas para maiores indagações.

Seria a loucura que move determinadas ações? Seriam forças maiores?

Estariam algumas pessoas sob influência de algo superior ou são apenas marionetes de seus próprios desejos que sempre estiveram coabitando em suas mentes perversas?

Afinal, existe o mal verdadeiro, em sua essência pura, ou é cada um que dá forma conforme sua mente diabólica?

E se existe? Qual é a sua cara?

Sim, a cara do diabo.

Damos tantas caras a ele, mas, qual a face que assombra a humanidade?

Poderia ser a de um demônio que nenhum humano suportaria olhar, mas bem que poderia ser a da sua doce vizinha.

Sim, a mesma que vai aos cultos todos os domingos, a caridosa, a virgem, mas também poderia ser a do médico ateu que faz filantropia com intenções escusas, a da mãe que perdeu um filho... Vai saber, vai entender.

O terror sempre estará presente na roda de amigos, nas conversas, nos pesadelos, na morte que chega de mansinho ou com a brutalidade macabra e perversa, sem reservas, pudores ou avisos. Seja pelas mãos de um demônio ou de um homem.

E sempre, sempre habitará a curiosidade humana.

Pris Magalhães

O Portal de Carne Escarlate

Ivan Campelo



Enfim estava concluído.

Janaina retirou a lâmina do peito de seu namorado e a colocou ao lado, no tapete da sala. Levantou-se e contemplou aquele cenário criado por ela. Era lindo. Alfredo deitado, com os braços abertos. O direito para cima, acompanhando o Sol, ao passo que o esquerdo contemplava a Lua. Os olhos esbugalhados no rosto do rapaz eram a prova de que fora uma surpresa quando sentiu a faca penetrar o seu coração. Janaina acreditava que o golpe fora quase indolor, já que ele não gritou ou se debatera, resumindo-se apenas a liberar um forte suspiro seguido de murmúrios ininteligíveis.

Levantando as mãos, a mulher analisou o sangue que as molhavam. O rubro brilhava sob a pálida luz do apartamento. Enxugou um pouco o suor da testa e caminhou até a cozinha, procurando por uma garrafa com água para

beber. Estava com a boca seca e tinha certeza que se fosse ao banheiro, sua urina sairia amarela. Um péssimo sinal enviado pelos rins.

Molhou a garganta com todo o líquido que encontrara em uma jarra na geladeira e, antes de fechá-la, pegou um pedaço de bolo de chocolate que Alfredo lhe comprara mais cedo.

Suspirou e sorriu ao se lembrar do que acabara de fazer com o namorado. Mordeu o bolo e com o chocolate veio o sabor ferroso do sangue. Misturaram-se.

Ao fim da fatia, olhou para os dedos e encontrou boa parte da cobertura neles. O vermelho quente ainda pingava. Sua boca abriu e uma língua despençou por entre os lábios. Lambeu cada um dos dedos, sentindo da forma mais intensa o gosto do chocolate com o do sangue.

Janaina não sabia usar palavras exatas para descrever, mas conseguia sentir em sua alma uma nova coisa tomando forma. A partir daquele momento, sangue e chocolate seriam duas coisas inseparáveis.

Voltou para a sala. Alfredo estava pálido e uma grande quantidade de seu líquido vital escorria pela cerâmica branca.

Tudo estava ocorrendo como o previsto.

Ela foi até o livro para se certificar de não estar faltando algo. As páginas explicavam o passo a passo até o momento que uma oferenda masculina fosse entregue. No mesmo parágrafo era dito que, após o golpe ser desferido, não precisava haver preocupação por parte daquele que fazia o ritual, pois todo o sangue sairia do corpo, independente da posição do cadáver.

Janaina foi para a página seguinte, não encontrando nada. Era uma folha em branco, com pigmentos amarelos. Faltava algo. Faltava um último passo, que finalizaria tudo. Precisava descobrir.

Entrou em seu quarto e foi para as estantes de livros que dominavam três, das quatro paredes. Ela organizava os títulos de forma sistemática. Primeiro procurava saber qual era o gênero, separando-os, e na sequência analisava as primeiras letras dos títulos, ignorando os artigos definidos e indefinidos, listando em ordem alfabética.

Passou pela letra A, seguindo para a B e continuou até chegar à R. Rituais Nórdicos, Rituais Egípcios, Rituais Maçônicos... Rituais de Sangue: Um Estudo Sobre a Execução. Leu devagar o título que estava na lombada e o puxou. Lembrava-se que vira um texto naquele livro que explicava o significado da página em branco.

A primeira coisa que fez foi procurar por um sinal no glossário que lhe desse algum rumo de para aonde ir entre as oitocentas páginas daquele calhamaço.

Colocou o dedo na folha amarelada e começou a descer, lendo os tópicos com atenção. Eram tantos e impressos em uma fonte tão minúscula, que a garota sentia a sua vista ficar cansada.

Mas lá estava, na página quatrocentos e cinquenta.

Há anos muitos desistiram, sentindo-se ludibriados, pois entregavam o sangue da vítima como oferenda e nada acontecia. Isso se dava pelo fato de esquecerem que o ritual não estava sendo feito pelo cadáver.

Para que o rito seja concluído, é necessária uma única gota de sangue daquele que busca a renascença.

Janaina já sabia o que precisava ser feito. Levantando-se, saiu do quarto. Pegou a faca que estava ao lado do corpo, segurando firme e, apanhando a lâmina ainda banhada com o sangue de seu namorado, a levou até a mão. Foi um corte rápido que fez uma gota vermelha desabar sobre a página branca.

Esta começou a se espalhar por toda a folha, como braços de aranhas vermelhas que buscava por algo para comer. Letras foram se formando, depois frases, em seguida a garota já estava lendo:

No fim de tudo, a resposta está sempre no sangue.

Abrindo a mão, ela viu as gotas que escorriam não mais irem para o chão, mas flutuar como se estivessem em gravidade zero. Um intenso formigamento começou a correr seu braço, devorando cada ponto de sua pele. Não demorou a estar em todo o corpo.

O sangue que estava espalhado pela sala também flutuava. Ela se perguntou se aquele formigamento era causado pela sensação de estar sem gravidade. Talvez fosse aquilo o que os astronautas sentiam no espaço.

Continuava presa ao chão, a sensação não ia embora e o sangue flutuava.

No fim de tudo, a resposta está sempre no sangue.

Para Janaina nada mais precisava ser dito. Estava mais do que claro o que precisava ser feito. Ignorando o formigamento que continuava a percorrer seu corpo, se forçou a caminhar em direção ao cadáver de seu namorado, que bombeava o sangue. Toda a sala estava vermelha, incluindo as paredes e o teto. O líquido parecia ter vida própria.

Suas pernas pesavam enquanto caminhava. Foi necessário soltar a faca que permanecia em sua mão, já que esta parecia pesar mais de dez quilos.

Janaina imaginara uma sensação melhor quando o ritual fosse concluído.

Com dificuldades, agarrou o pé do morto e tentou puxá-lo. Estava preso ao chão. Não tinha problema, daria um jeito de fazer naquela posição em que estava.

Primeiro colocou um joelho no solo, ao lado do cadáver, e em seguida foi o joelho esquerdo, do outro lado do corpo. Ela conseguia sentir o líquido quente subir por suas pernas, passar por suas nádegas, entre elas, correr por sua vagina e subir para seu abdômen. A garota passava por aquilo com um genuíno prazer estampado no rosto.

Contemplava a erupção sanguínea que explodia no peito do morto. Aquele portal que levava ao renascimento.

Primeiro ela penetrou o ferimento com a mão e algo começou a puxá-la. A ferida abria-se e a garota entrava. Um som molhado de sucção preenchia o apartamento e Janaina sorria. Estava prestes a renascer. Sua cabeça e seus ombros já estavam dentro e não demorou para que os seus pés passassem pelo portal, deixando o ambiente adentrar no mais fúnebre silêncio.

2h49 da madrugada.

O homem continuava parado, com a ferida de volta ao normal. O sangue lhe cercava em todos os ângulos. A faca permanecia no chão. O livro de capa dura jazia sobre a mesa redonda, onde fora deixado, aberto em uma página que escorria o líquido rubro. As pegadas de Janaina se espalhavam por todo o apartamento e havia algumas que denunciavam a sua ida à geladeira para pegar o bolo de chocolate. As migalhas eram a prova.

O tique-taque do relógio não parava.

E o silêncio parecia ser perpétuo, quando...

3h da madrugada.

A mão esquelética e sanguinolenta surgiu do portal de carne, fazendo

um barulho violento e brutal. Aos poucos, um corpo de puro osso que se movia com dificuldades ia surgindo. Cada centímetro levando quase um minuto para ser revelado.

O cômodo começou a esquentar e quando a criatura rastejou totalmente para fora, o enxofre dominou todo o apartamento, escapando para o corredor.

Olhou ao redor, notando que tudo continuava como deixara. No entanto, o formigamento que percorrera todas as suas extremidades fora substituído por uma dor tão intensa que a fazia chorar. O que acontecera? Depois que entrara no portal... Não, não podia trazer aquelas cenas de volta à sua mente. Levantou uma das mãos, depois a outra, movimentando os dedos. Ossos, apenas ossos, nada mais que isso. Ossos e dores. Dores infernais.

Puxou seu pé esquerdo e depois arrastou o direito, tendo a chegada ao banheiro como objetivo. Com dificuldades, abriu a porta e acendeu a lâmpada sobre sua cabeça... A torneira da pia pingava.

Deu um passo à frente e encontrou a si mesma no espelho. Ela queria gritar, chorar, voltar atrás, só que nada disso era possível. Entregara sua alma ao inferno e ele aceitara. Sem volta.

Janaina tocou o próprio rosto esquelético, que não tinha formas humanas. Um enorme focinho despontava do crânio assim como dentes caninos protuberantes saiam de sua boca. Sangue gotejava deles, igual a todos os outros pontos daquele corpo medonho.

Pequenas asas negras surgiam de suas costas, com penas molhadas e destruídas.

A única coisa que sobrou da antiga Janaina foi os olhos que permaneciam assustados. Tentava chorar, mas lágrimas não saiam, restando apenas os tristes murmúrios que escapavam por entre aqueles dentes pontiagudos.

Ela renascera, mas como uma genuína serva do inferno que viveria para sempre nas sombras da Terra.

Ivan Campelo se envolveu com a literatura ainda na adolescência, fascinando-se com os mundos criados por diversos escritores, particularmente da verossimilhança multidimensional das obras do Machado de Assis. No entanto, percorreu para um caminho diferente deste, buscando perturbar os leitores por meio da construção macabra de contos de terror. Atualmente tem histórias no Wattpad e Amazon, e logo estará publicando o seu primeiro romance, Nas Luzes do Recife.

Insta bio <https://instabio.cc/11013swe2l>

Contos da Amazon <https://is.gd/C0W8H3>

Artigo cinema <https://ivanilsondasilva19.wixsite.com/artigocinema>

Viajante Fantasma

Renata Moura



Sempre gostei de viajar, conhecer lugares e costumes. Quando criança viajava bastante com a minha família, mas quando completei a maior idade passei a fazê-lo com minhas amigas e às vezes sozinha.

Um dia recebi o convite de uma amiga para conhecer seu chalé em Garanhuns, uma cidade do interior de Pernambuco. Fiquei super animada com a ideia. Aluguei um carro, fiz as malas e parti rumo ao meu destino.

A distância de Recife, cidade onde moro até os dias de hoje, a Garanhuns é de 231quilômetros, ou seja, aproximadamente umas três horas de viagem, isso dependendo do trânsito. Então, como pretendia chegar lá ainda pela manhã cedo para aproveitar bem o dia, saí de casa às quatro horas da manhã. Uma hora depois eu já havia percorrido um bom trecho da BR-232, uma das estradas que liga as duas cidades.

Em um certo espaço da BR, vi um rapaz de mochilão nas costas, na beira da estrada pedindo carona. Resolvi parar o carro para ele, pois eu já havia feito isso várias vezes durante minhas viagens. Estacionei o veículo e o rapaz entrou sorridente, agradecendo minha gentileza e se apresentando como Vinicius. Fiz o mesmo.

— Sou Catarina, para aonde você vai?

Ele falou que iria para Correntes, uma cidadezinha após Garanhuns. O mesmo foi muito simpático, estava bem limpo para quem pede carona na estrada e usava um perfume bem agradável que lembrava cheiro de rosas. Vinicius disse que estava viajando sem rumo. Que veio de bem longe e que não podia voltar para casa.

Achei estranho, como assim ele não poderia voltar para casa? Ainda assim, não perguntei de onde ele era. Conversamos bastante durante a viagem, rimos muito. Ele era bem engraçado, de bem com a vida. É sempre bom conhecer pessoas.

Uma hora depois precisei parar o carro para abastecer e comer algo, estava faminta. Perguntei a Vinicius se ele desceria comigo, e ele disse que sim. Então descemos, fui em direção a lanchonete do posto de conveniência e ele em direção ao banheiro.

Comprei um sanduíche, um copo de suco e também uma garrafa de água. Deu tempo de comer e nada do Vinicius encontrar-se comigo. Saí da lanchonete, fui em direção ao carro, aguardei alguns minutos e ainda nada dele. Decidi então ir até o banheiro masculino chamar por ele.

— Vinicius?

E nada. Então chamei novamente.

— Vinicius, você está aí?

E uma voz respondeu:

— Não, só tem eu aqui dentro e mais ninguém.

Voltei para o carro e perguntei ao frentista que encheu o tanque do meu carro se o mesmo havia visto o rapaz que desceu comigo do veículo. E para meu espanto, ele respondeu:

— Moça, a senhora não desceu acompanhada.

Eu perguntei:

— Como assim não desci do carro acompanhada? Claro que desci.

O frentista afirmou:

— Não desceu. Lembro muito bem porque vi a senhora falando sozinha e até achei estranho. Pensei até que estivesse falando com alguém

pelo viva voz do celular.

— Então mais uma vez perguntei:

— Mas e o rapaz alto, bonito, bem vestido, viajante que estava comigo onde foi parar? Ele me pediu carona no meio da estrada, fiquei de deixá-lo em Garanhuns e de lá ele seguiria seu destino até Correntes.

O frentista, com cara de assustado e fazendo o sinal da cruz, mais uma vez me garantiu que eu desci falando sozinha do carro.

— Não havia mais ninguém com você...

Renata Moura nasceu em Recife, a capital mais assombrada do Brasil. Formada em Pedagogia, Psicopedagogia e Fotografia, iniciou seu projeto “Blog e Youtube Destino da Viajante em 2017”, quando se acidentou e passou quase um ano em casa recuperando-se. Neste tempo, descobriu que adorava trabalhar com edição, contar e escrever contos.

Desde pequena é apaixonada por filmes de terror. Enquanto se recuperava, ainda em 2017, criou o seu canal do Youtube Mundo Sinistro - Filmes & Contos <https://www.youtube.com/channel/UC4sXM3IHZSmO8mFv2VQUyWg> e o blog . <https://www.mundosinistrofilmecontos.com/> de mesmo nome.

Contudo, quem quiser saber sobre viagens e destinos incríveis, como hotéis, pousadas e lugares, o blog <https://www.destinodaviajante.com/> é o endereço certo.

Você pode conferir os vídeos extraordinários dos lugares que Renata Moura esteve, no canal https://www.youtube.com/channel/UC0oywM9olOcNR1hB_ncMzkg

O Presente

Pris Magalhães



O sol iluminava o bem aparado jardim na frente da ampla casa de médio padrão quando Lúcia, vestida no seu novo vestido de cetim rosa, atravessou-o correndo para receber os novos vizinhos que chegaram para seu aniversário, carregando um embrulho tão grande e colorido que seus olhos brilharam de contentamento e curiosidade.

— Querida, venha cumprimentar nossos vizinhos — a mãe pediu com sua voz aveludada. — Lembra-se da senhora Carmem, não é? — perguntou, segurando a filha pelo ombro com uma leve pressão, alertando-a de ser gentil com a mulher estranha de cabelos escuros assim como seus olhos, que fitavam a menina com curiosidade.

— Como vai, senhora Carmem? — perguntou Lúcia num esforço para não avançar sobre o embrulho e rasgá-lo de forma selvagem e descobrir o que

ele escondia. — Obrigada por ter vindo. — Um sorriso amável no rosto infantil.

— Parabéns pelo seu aniversário, querida Lúcia. — A senhora lhe estendeu os braços magros, oferecendo o embrulho para a pequena. — Oito anos, não é? — Lúcia confirmou com um aceno discreto de cabeça. — Trouxe uma coisinha. Não é muito. — Ela tossiu e riu ao mesmo tempo. — Pertenceu a minha filha e, bem eu gostaria que ficasse com ela. Agora é sua.

Lúcia lembrou-se vagamente de ter ouvido alguma conversa dos pais sobre os vizinhos terem perdido a filha quando tinha a mesma idade que ela completava agora, e de como eram reclusos naquela casa. Não se relacionando muito com os demais, levavam uma vida solitária e a mãe convidou-os numa tentativa de gentileza, pois era assim que pessoas boas deveriam agir, disse.

Aproximando-se de Lúcia, as meninas da festa também queriam saber o que escondia aquele enorme embrulho, e ela, aproveitando então que era o centro das atenções, tornou aquele momento ainda mais cerimonioso, causando expectativa e inveja nas suas amigas com seu enorme presente.

— É lindo, senhora Carmem. Muito obrigada. — Agradeceu a mãe com um sorriso amável, mas levemente perturbada pelo presente ter pertencido à filha morta da vizinha. — Querida, agradeça seu presente.

Mas diferente do incômodo da mãe, que via o recebido como algo mórbido, Lúcia estava deslumbrada com a enorme casinha de bonecas que ganhara e as exclamações de suas amigas confirmavam como era belo e delicado o imóvel de dois andares feito em madeira pintada.

— Obrigada, senhora Carmem. Eu adorei. — Sincera, Lúcia agradeceu. Esse era um agradecimento diferente dos anteriores. Presentes que considerou rebaixados perto desse.

Aquilo realmente a deslumbrou e a menina não via a hora de poder experimentar os compartimentos que abriam dentro da casinha.

— Veja. — disse de forma afetada às suas amigas que observavam. — Tem uma boneca dentro. Parece de verdade.

— É Magda seu nome. — A vizinha apressou-se em dizer, olhando a seguir em volta e contendo-se ao notar que alguns dos convidados mais próximos observavam-na. — Minha filha chama assim e, bem ela colocou o mesmo nome na boneca. Pode colocar outro nome, se quiser.

— Magda. — repetiu Lúcia, encantada.

— Não se esqueça de acender a luz do quarto quando for dormir.

Magda, a minha filha, dizia que a boneca tinha medo do escuro. — A vizinha tentou sorrir.

— Não durmo com luzes acesas. — Lúcia protestou. — Isso é coisa para bebezinhas.

— Sim claro que é, mas a boneca não sabe disso. — a mãe tentou sair daquela situação que se tornou no mínimo bizarra.

— Não do seu quarto, meu bem. Veja. — a vizinha, abaixando e enfiando um dedo longo e trêmulo pela janela da casinha, fez uma demonstração. — Há um pequeno botão aqui que acende quanto você o aperta. Magda gosta de dormir com a luz acesa. A boneca, claro. — Completou ao empertigar-se e lançar um olhar para o marido, que parecia encabulado com a situação, mas poderia bem ser timidez. Como disse, não estavam habituados a se relacionarem com a vizinhança depois que a filha morrera de forma repentina.

Há pouco naquela vizinhança, ambos mudaram-se no último outono para a casa ao lado que estava vaga há dois anos. Um problema no encanamento desencantava aos interessados que a visitavam para uma possível compra. Mas eles ficaram com ela desde a primeira vez que foram conhecê-la.

Lúcia pouco os vira, embora notasse a vizinha sempre na janela da sala observando-a ao lado da cortina quase toda fechada quando a menina brincava no jardim.

Ganhar aquela casinha foi fantástico aos olhos da garotinha e, quando todos foram embora e ela, já de banho tomado entrou em seu quarto e percebeu com satisfação a casinha no chão ao lado da cama, sentiu um rápido e curto afeto pela senhora Carmem.

— Ola, Magda. Sou Lúcia, agora vou cuidar de você. — disse espiando pela janela da sala onde a boneca de cabelos loiros, assim como os seus, descansava sobre o sofá.

— Hora de dormir, mocinha. — alertou-a a mãe parada no vão da porta.

— Mas mãe, ainda não brinquei com Magda.

— De boa noite para Magda e diga que é hora de vocês dormirem. — respondeu a mãe, taxativa.

— Venha Magda. Vou colocá-la em sua cama. — Lúcia pegou a pequena boneca e retirou-a da casinha. — Veja mamãe, até acho que se parece comigo.

— Verdade, querida, mas ande logo, você já brincou o dia todo.

— Prontinho Magda. Agora você está quentinha e protegida. — disse após colocar Magda de volta e acender a luz do quarto da casinha. — Não se preocupe que não vou rir de você por ter medo. — Cochichou para a boneca.

— Prontas? — A mãe perguntou, ao que Lúcia respondeu com um longo bocejo, e assim ela apagou a luz do quarto e fechou a porta.

Fresca e agradável, a noite seguia tranqüila enquanto avançava pelas horas da madrugada quando Lúcia remexeu sob a colcha, sentindo um pequeno incômodo com o leve barulho ao lado de sua cama, porém não alto o suficiente para fazê-la despertar do sono pesado depois de um dia inteiro de agitação.

No entanto o som continuou como se madeiras rangessem e se deslocassem, e estalos iniciaram continuamente.

— Mel? — Lucia chamou, imaginando se a gata siamesa entrara sorrateiramente no quarto, mas o som parou e o sono vencera a curiosidade e, afundando a cabeça no travesseiro, Lúcia voltou a sonhar com algodões doces e carrosséis. Lidaria com a gata quando amanhecesse.

Três horas haviam se passado desde que o relógio na sala badalou meia noite e o som voltara a encher o quarto, incomodando o sono de Lúcia. Sonolenta, ainda sem abrir os olhos ela sentiu a presença em sua cama e tateou. — Mel, sabe que não pode subir na cama. — disse tocando em algo frio e liso. — Mel? — Abriu os olhos e virou-se. A mão que tapou sua boca veio mais rápido do que o grito que ficou preso na garganta.

Magda? — Sua mente assustada questionou, fitando os olhos verdes da boneca, assim como os seus. A pela pálida da mão que a impedia de falar era fria e de textura emborrachada e, o sorriso exibia aquela artificialidade típica de brinquedos. Ela abriu a boca e como plásticos derretidos se esticando, os dentes foram se abrindo, brancos como a luz da lua que se mostrava pela fresta da janela.

— Vamos brincar de irmãs? — perguntou a boneca, com a boca muita aberta revelando a caverna sombria e escura no interior da cavidade.

Lúcia gritou novamente... E mais ... E mais... Mas o som não saía de sua garganta, preso assim como suas mãos, braços e pernas que pareciam fundidos à cama e então a cobertura foi puxada por sobre sua cabeça como uma mortalha enegrecida pelo horror.

Sentindo seu corpo dolorido quando seus olhos abriram pela manhã, olhou pela janela e viu prazerosa que o sol brilhava, lançando suas luzes

ainda amenas através da janela, e meio confusa lembrou-se de ter tido alguma espécie de pesadelo com Magda, mas não recordava detalhes. Virou-se na cama e estranhou que a casinha havia desaparecido.

— Para aonde ela foi? — perguntou sentando-se na cama, olhando em volta com insatisfação, mas não a encontrou em lugar algum. — Mamãe? — chamou, notando também que várias coisas não estavam como antes. Na verdade, as coisas não eram as mesmas. — Mamãe? Arrumou meu quarto enquanto eu dormia? — quis saber, andando até a porta, mas, surpresa verificou que esta estava fechada.

— Vamos brincar de irmãs? — A voz melodiosa chegou pela janela, atraindo seu olhar e com enorme terror ela viu aqueles olhos verdes espiando para dentro de seu quarto.

— Querida, olha quem veio visitar você. — disse a voz da mãe, e os olhos verdes afastaram-se.

Lúcia correu até a janela e então viu que os vidros, que antes não existiam, impediram-na de por a cabeça para fora, mas o que viu foi o suficiente. Não estava em seu quarto verdadeiro, mas na casinha de brinquedo que ganhara da senhora Carmem, que neste instante estava parada à porta do quarto com sua mãe.

— Ola, Lúcia, como vai? — perguntou a senhora com uma amabilidade e brilho no olhar que Lúcia antes nunca havia visto nela.

— Vou bem, senhora Carmem. Obrigada. — respondeu a outra menina, a que estava em seu quarto, a que vestira sua roupa e roubara sua voz, seus trejeitos e fisionomia. Magda era seu nome.

— Vim buscar-lhe para tomarmos sorvete em minha casa. — Senhora Carmem estava amável. Estendeu a mão para Lúcia, a qual tomou prontamente.

— Já estou pronta. Posso, mamãe? — perguntou sem tirar os olhos da vizinha.

— Bom querida, eu... Tem certeza de que quer ir? Desculpe senhora Carmem, mas é que Lúcia é meio tímida, ela não costuma sair com quem não tem intimidades.

— Sim, gostaria muito de ir. — A boneca respondeu saindo do quarto. — Sabe de uma coisa, senhora Carmem? — perguntou quando já saía pela porta. — Magda não precisa mais daquela luz acesa no quarto. Agora ela pode ficar no escuro.

— Tenho certeza de que sim, minha querida. — respondeu a vizinha,

saindo a seguir e a mãe, ainda lançando um olhar inquieto pelo ambiente, observou a casinha no chão ao lado da cama, e seus olhos pousaram sobre Lúcia por um breve instante, mas ela não conseguiu ouvir os murmúrios de lamento vindos do corpinho daquela nova pequena boneca que se parecia tanto com sua filha. Fechando a porta atrás de si, nada soube dos horrores que estavam para acontecer.

Pris Magalhães se lançou na literatura ao participar da primeira antologia de poesia pela editora Grafitte, participando a seguir de coletâneas de contos por diversas editoras e logo depois publicando seu primeiro infanto-juvenil, intitulado “Crônicas de Silbery – O Segredo do Bosque”.

Autora independente da duologia Caçadores, disponíveis na Amazon, assim como seus contos na Amazon. Fechou parceria com a editora Cabana Vermelha para a publicação da segunda edição do livro Linha Vermelha. Romance que traz uma visão apocalíptica nacional sobre zumbis.

Organizadora das antologias Terror Macabro e Filantropia do mal.

Conheça as obras da autora neste link <https://linktr.ee/priscamagal>
Instagram @priscamagal

Eu Acredito

Peterson Azevedo



A vida tem muitos mistérios incompreensíveis à humanidade, e eu sempre fui muito cético em relação às coisas em que não são explicadas pelo raciocínio lógico, nessa barreira entre o sobrenatural e o real, chegando a debochar de qualquer um que não concordasse com as minhas certezas. Até mesmo em relação a Deus, esse ser supremo em que a ciência até hoje não conseguiu definir. Mas a vida, quando quer ela acaba com todas as nossas certezas e convicções em questão de minutos.

Me chamo José Azevedo, mais conhecido como Véio Zé, e vou contar para vocês como descobri que Deus e o adversário dele existem e se fazem presentes em nossas vidas quando querem nos dar uma lição.

Era o ano de 1987, eu tinha 20 anos nessa época e consegui um bico de segurança em um comitê eleitoral, trabalhando das sete da noite às sete da

manhã para um amigo do meu pai que tentava se eleger a deputado estadual. Eu não sabia o porquê, mas nunca tinha ido com a cara dessa pessoa, porém como a grana era boa não dei atenção a essa cisma.

Esse comitê era em uma casa enorme, a frente era uma entrada de loja com essas portas de aço como de padaria. Na parte de dentro tinha a sala principal de estar mais três quartos, banheiro, e a cozinha ficava nos fundos com uma porta enorme de madeira maciça. Aos fundos do terreno de mais de quarenta metros havia muitas árvores e um matagal com quase um metrô de altura.

À noite, para entrar nessa casa eu usava o portão lateral e ingressava pela sala de estar. Era por volta de umas oito e meia da noite, estava com um rádio desses antigos ligado e conversando com meu pai ao telefone, quando percebi que o aparelho começou a aumentar o som sozinho. Achando que era algum problema de estática, desliguei o telefone e fui olhar o rádio, contudo ele voltou a tocar as estações e eu estranhei, mas o que me arrepiou foi quando uma voz de mulher falou ao meu ouvido "corre garoto, que ele quer entrar".

Como assim, "corre garoto"? Olhei para os lados e não vi ninguém, achei que meu cérebro estava me pregando uma peça. Vozes do além, isso não existe, a ciência não explica. Dei de ombros, ignorando minha mente perturbada, contudo veio novamente a voz: "Corre garoto, que ele quer entrar agora". Não era impressão minha coisa nenhuma, era uma voz gritando. A casa toda ficou fria e quando olhei para a cozinha as portas dos fundos balançavam violentamente. Eram batidas como se um boi estivesse dando cabeçadas e ela estivesse quase cedendo.

Corri para a sala de estar e na hora que abri olhei para trás e vi uma mulher de vestido vermelho segurando a porta. Ela gritou "corre". Quando sai e corri para o portão, fiz uma das coisas que mais me arrependo em toda a minha vida. Olhei para o terreno dos fundos, não sei o porquê fiz isso, mas olhei e vi o que queria entrar na casa.

Jesus! Tenho pesadelos com isso até hoje. Maldita a hora que fui olhar para aquilo. Um homem pálido, magro e muito alto, acorrentado com uma roupa de couro toda rasgada e suja. Sua pele era coberta de feridas, ele sorria o tempo todo, mas não um sorriso normal e sim uma gargalhada doentia, horrenda e o mal que ele emanava foi a coisa mais perturbadora que eu vi e experimentei na minha vida. O medo se tornou pavor. Ele se mexia, sumindo e desaparecendo em preto e branco, cada vez mais perto de mim.

Eu nem abri o portão, de tanto medo pulei o muro e sai dali correndo desesperado. O que era aquilo que provinha, aquele mal doentio, como uma criatura daquelas poderia existir?

No desespero acabei sendo atropelado e acordei no hospital com a minha família dois dias depois do ocorrido, todos me indagando o que tinha acontecido, por que sai correndo feito doido? Eu não podia falar a verdade porque eram capazes de me internarem no hospício, afinal, nem eu sabia se aquilo tinha sido real ou delírio, não sei. Preferi afirmar que não me recordava de nada, mas a verdade é que eu sabia a verdade e aquilo estava me corroendo por dentro. Ao chegar seis horas da tarde, estando eu sozinho no meu quarto de hospital, entrou um senhor aparentando ter uns 100 anos de idade, aproximou-se de minha cama e disse: “Filho, agora você acredita, né?”.

Depois disso as portas para o sobrenatural me foram abertas. Tenho vários outros relatos para contar para vocês, mas fica para outro dia.

Caixão Vazio, Casa Cheia

Ricardo Sorrenti



— Tem um pouquinho da vovó nessa torta — o vovô cochichou para Arturzinho e lambeu os beijos secos e rachados, simulando um voraz ataque à massa úmida. Foi a primeira vez que o menino sorriu naquela tarde natalina.

Pais e tios acharam aquilo fofo. Os primos achavam tudo aquilo um saco, era só uma maneira do garoto chamar atenção. Um pouquinho de inveja velada também, os adultos percebiam, já que Arturzinho sempre era o mais lambuzado de beijos e descabelado de tanto cafuné. E lá estava, sem marca de batom e o penteado intacto. A expressão da tristeza desde que a vovó Margarida se fora, deixando alguns pertences e muita saudade.

Todo domingo e feriado, a família se reunia e o menino se isolava das crianças para zanzar pelos corredores do sobrado como se fosse encontrá-la,

escondida e brincalhona, em algum dos cômodos. E esse era o primeiro Natal que eles celebrariam com a ausência da névoa de nicotina pairando sobre as cabeças e impregnando nas roupas.

Sem dúvidas, o Natal sem a dona Margarida era diferente para todos. Não ecoavam, nos longos corredores da casa, a gritaria da criançada com as gincanas inventadas pela vovó enquanto os adultos bebericavam vinho, licor, cerveja e conhaque. Enrolando cigarros e trocando palavras até o sol encerrar o expediente. Seu assento ficou desocupado, assim como sepultaram-na em um caixão vazio. Ausência completa, na vida e na morte, o que fez Arturzinho disparar um lamento silencioso, perguntando-se para aonde iam as pessoas que não estão nem aqui e nem ali.

Ele não tinha resposta, mas os parentes também pareciam engasgar com a mesma questão, pois a apatia era o prato principal na hora da ceia, como se o almoço de Natal estivesse fantasiado de velório. Não que houvesse falta de assunto, soava mais como desinteresse em remexer em ossadas enterradas. Melhor deixar para lá os assuntos espinhosos, como o vovô, que parecia mais e mais biruta e ninguém falava a respeito. Era mais fácil ignorar, especialmente, depois dos últimos e tocantes impulsos de lucidez.

Pela manhã, o vovô foi à cozinha, preparou parte da refeição e espalhou enfeites pela casa, e ainda conseguiu estimular o pequeno Artur a dar umas garfadas na comida. Dava até para ignorar o fato de ele ter recebido os parentes vestindo somente a cueca e uma camisa florida do avesso. Mais um assunto para ignorarem e sepultar em caixões vazios.

Todos comiam, engolindo o silêncio ressecado. Só o vovô não tocava na comida. Perdia seu olhar baço nas paredes que ele recentemente acrescentou à casa, e no jardim que tomara gosto em cultivar. Brincava sem entusiasmo com a ceia que suas mãos calosas se aventuraram entre panelas e travessas, até seus olhos faiscarem, mirando cada um dos filhos e netos com deleite.

— O que acharam da torta da vovó?

— Muito boa, papai — Foi Laura quem respondeu, a única que não estava com a boca cheia no momento.

Depois, calou-se com mais um pedaço de torta de carne, mas algo também preencheu a sua imaginação. Pensamentos sombrios alimentados pelo fato de que sua mãe nunca havia preparado torta de carne, e o pai insistiu naquilo por um bom tempo. Durante o almoço, após emporcalharem-se inteiros com doces e enquanto a programação de Natal, na TV, sugeria

assuntos para debates preguiçosos entre os parentes.

Podia ser mais um episódio fora de órbita do pai, Laura tentou tranquilizar-se.

Mas podia ser algo mais. Algo indigesto, que sua mente não conseguia expulsar.

Laura seguiu o exemplo de Arturzinho e foi perder-se pela casa para, quem sabe, esbarrar em respostas que ninguém mais encontrou sobre o sumiço de dona Margarida, em algum momento entre o desejo de comprar cigarros e a mercearia, a três quarteirões dali. Ficaram as roupas nos armários, o maço de dinheiros na gaveta de meias e um cigarro pendente no cinzeiro. Tudo intocado, como se ela pudesse voltar a qualquer instante. Só que os minutos de espera se acumularam em meses até a esperança dar seu último suspiro. Então, a família concordou que um caixão vazio poderia enterrar toda a dor de uma só vez.

Para Laura, o efeito foi contrário. O luto pela incerteza deixou uma ferida que nunca cicatrizou, realmente.

— Novidades? — Ela cantarolou para Arturzinho quando seus caminhos se cruzaram, no andar de cima.

— Só uns livros chatos sobre *amano... anamo...* Tia? — O menino tentou, engasgou, e enfim desistiu de lembrar-se o nome da palavra, seguindo com sua solitária excursão.

Isso despertou o interesse de Laura. Ela refez os passos de Arturzinho até deparar-se com uma pilha de livros entre memórias inúteis, mas difíceis de desapegar.

A-na-to-mi-a. Seus lábios emudecidos desenharam a pronúncia de cada sílaba. E não era nada do que ela tinha em mente a respeito das curiosidades de um viúvo senil sobre o corpo humano. As páginas amareladas eram folheadas rapidamente, e Laura lia e relia alguns trechos com os restos da ceia revolvendo em espasmos de ânsia. Especialmente, aqueles que descreviam técnicas rudimentares de separação dos membros.

E lembrou-se do pai: *tem um pouquinho da vovó nessa torta...*

Arturzinho olhava para o nada, junto dos pais, tios e primos, quando sua tia Laura desceu as escadas, toda chorosa, inventando um monte de palavras para o próprio pai. Palavras difíceis, como *canabilo...*

Conilabismo... Arturzinho não se lembra, demoraria a entendê-las e gostaria de nunca tê-las entendido.

Depois, muita discussão com as crianças assustadas e os adultos estarecidos. Foi aí que vieram as sirenes. Gritantes, acusadoras e nem um pouco natalinas. Arturzinho tem certeza que uma de suas tias desmaiou, ali mesmo, entre os parentes e os convidados fardados que entravam às pressas na casa. E tinham os jornalistas, que chegaram de surpresa e sorridentes, como se os presentes de Natal deles estivessem sob os pés da árvore que seu avô havia montado na sala, pertinho do assento desocupado de sua avó.

O menino e os primos foram escoltados para fora, onde a vizinhança acendia as luzes oscilantes e suas cabecinhas curiosas ascendiam nas janelas. Então, vieram as marretadas nas paredes recentemente construídas do sobrado. A casa gemia com as estocadas vibrantes nas estruturas que o avô havia erguido, da noite para o dia, sem consultar ninguém. Um turbilhão de gente também marchou para o jardim, com pás e enxadas, e outros policiais saíram pela porta da frente com o freezer lacrado e o resto da ceia embalado em sacos plásticos. Arturzinho pensou em pedir para a mãe fazer o mesmo com a torta, mas esqueceu-se. Porque foi na mesma hora que ele teve a certeza de que só envelhecendo, mesmo, para compreender os adultos, suas crises e suas palavras complicadas.

De dentro da casa, burburinhos rastejaram aos sussurros, ganharam volume na boca dos vizinhos fofoqueiros e se espalharam como germes de um espirro naquele fim de tarde.

Haviam encontrado sua avó. Ela estava no jardim, nas paredes, nas receitas e havia respingos dela nos tapetes. E Arturzinho achou aquilo tudo muito bonito. Sentia-se da mesma maneira, inspirando o cheiro que só a vovó tinha, enquanto zanzava pela casa.

Depois, o sorriso de Arturzinho fez contraste com as expressões de susto dos primos e vizinhos ao seu redor. Parece que o avô não estava caduco coisa nenhuma. *Piscotapa*, algo assim, foi a palavra que usaram.

Juntando pedaço por pedaço das notícias que alcançaram seus ouvidos, Arturzinho pulou de alegria, mas foi alvejado com olhares de reprovação. Por que recriminavam-no?

Não entendeu, não lhe contaram, e a última lembrança que ele teve do avô foi inundada com as luzes da viatura contra o seu rosto estático, os olhos no mundo da lua, o sorriso sem endereço e as mãos algemadas às costas.

E, aí, um arrote avinagrado chegou à boca de Arturzinho, causando-

lhe um súbito e persistente mal-estar. Alguém cochichou que devia ser a sua vovó, o que lhe pareceu um grande absurdo. Mas só porque ele ainda demoraria a entender tudo aquilo, era preciso tempo para digerir a intragável verdade.

Talvez, ele conviveria com aquele desconforto gástrico e moral pelo resto da vida. Talvez, em silêncio, enterrando seus medos e traumas em caixões vazios, como fizeram os parentes que também experimentaram aquela última ceia de Natal em família.

Ricardo Sorrenti nasceu em São Paulo, capital. É jornalista, produz conteúdos de forma profissional e gosta de rabiscar contos de terror entre as escritas e reescritas do seu primeiro livro — ainda sem título definido.

Filtro

Helena Medeiros



Eram três horas da madrugada e Cecília ainda não conseguia dormir. Estava ansiosa, pois ia viajar de manhã. Pensava se teria esquecido de colocar algo na mala e olhava, pela vigésima vez, a lista de itens para levar.

Como não conseguia pegar no sono, decidiu olhar seu *Instagram*, o número de seguidores havia estacionado.

— Isso não é nada bom — diz em voz baixa para si mesma.

Viajar para um encontro de blogueiras numa cidade linda pode ajudar, afinal, os seguidores amam ver lugares novos, mesmo que apenas por uma tela de celular.

O despertador toca e Cecília acorda em um pulo. Não havia percebido que tinha dormido e, agora, nota o quanto está cansada. Mesmo assim, ela levanta e se organiza para sair. Não vai tomar café da manhã, sempre fica

enjoada ao viajar de ônibus.

Cecília é uma blogueira, considerada *digital influencer*, com pouco mais de 100 mil seguidores. Já fez divulgações de várias marcas famosas e, claro, sabe cobrar muito bem para isso. Está indo para uma cidade chamada Natal, no Rio Grande do Norte. Lá pretende filmar cada passo seu para manter seus seguidores interessados.

Ao sair do ônibus, Cecília vai direto ao banheiro da rodoviária, precisa conferir como está a sua aparência. Fica feliz ao notar que o banheiro não está sujo, como é o que encontra geralmente. Depois de arrumar o cabelo e o rosto, escondendo bem a olheira que se formou, ela tira uma *selfie*, mostrando aos seguidores que já chegou na cidade. Pega um táxi e segue para o hotel em que ficará hospedada.

Ao chegar, Cecília faz mais *stories* no *Instagram* e, só depois, vai para a recepção para fazer *checkin* e seguir para o quarto. Assim que entra, ela corre até a janela e a abre, dá um sorriso e fica fascinada com tamanha beleza.

Depois de tomar um banho, Cecília decide descansar, mas não sem antes olhar mais uma vez o *Instagram*. Sorri ao notar que conseguiu mais 150 seguidores nas últimas horas, o plano está dando certo. Ia fazer um novo *story*, mas quando olha para si pelo celular toma um pequeno susto, as olheiras estão maiores e o pior, uma espinha.

— Inacreditável e, ao mesmo tempo, tão clichê! — reclama. — Tudo bem, nada como o creme certo e uma loção secativa. Mas como farei *story* agora? Cecília revira os olhos ao notar o óbvio, irá usar algum filtro para esconder os seus "problemas". Porém, não poderia ser qualquer filtro, teria que ser um com menos uso, mas sensacional.

Sai mexendo em vários *Instagrams* de pessoas que criam filtros e um chama sua atenção. Na biografia está escrito: "Filtros incríveis que vão fazer você morrer de satisfação e ser notado."

Ela começa a clicar, ver e testar cada filtro, ficando impressionada com a qualidade dos mesmos. Alguns parecem ter sido feitos para ela. Está muito feliz. Escolheu um e começou a gravar.

— Oi, gente! Estou no hotel e a vista aqui é incrível! Em breve eu mostro para vocês, mas, por ora, irei descansar um pouco, beijos!

Após a postagem, ela recebe várias mensagens falando sobre aquele filtro lindo, ninguém o havia usado antes. Ser a primeira em algo deixa Cecília feliz. Depois disso, ela vai dormir e só acorda no outro dia, muito

animada para o encontro.

Enquanto se arruma, Cecília escuta músicas e canta junto, sua voz é doce assim como ela costumava ser. Sentir-se famosa na *Internet* a deixou um tanto grosseira, mas ela não consegue enxergar isso e acredita que todos que lhe falam a verdade, na realidade, têm inveja dela.

Ela tira muitas *selfies*, faz vídeos. E só depois de tudo editado é que ela vai até o local combinado com as blogueiras.

Uma mansão deslumbrante, com muito luxo e um jardim inacreditável. Parece que pegaram as flores mais lindas do mundo e colocaram num só lugar. Ao entrar no salão principal, olha ao redor e vê muitas blogueiras que detesta. Continua andando e encontra as que considera amigas, porém, nesse mundo de disfarces quem é amigo de verdade?

Cecília se aproxima e as duas a cumprimentam. Karol é a primeira a falar.

— Menina, você arrasou naquele filtro! Fiquei tão apaixonada que já procurei mais e encontrei outros maravilhosos! — diz animada e Cecília sorri.

— Não é? Eu já salvei vários no meu celular! — fala enquanto o segura nas mãos e já vai desbloqueando a tela. — Olha aqui, esses vou deixar para ocasiões especiais.

— Não queria dar uma de invejosa, mas confesso que também salvei vários! — Tamires diz, enquanto mostra os que baixou.

Depois de muito conversar, Cecília nota uma nova notificação e se apressa em clicar. Uma mensagem dizendo: “Obrigada por usar meu filtro, depois que você fez *stories* com ele, está bombando!”. Ela sorri e responde, “Você arrasa, já quero filtros novos, ficarei de olho”. Logo tem a resposta, “Claro!”.

O dia passa tão rápido que Cecília nem nota quando escurece. Chama um Uber para ir ao hotel, sai sorridente com todas as conversas e, lógico, as interações com os seguidores.

Em dois dias, Cecília está de volta à sua casa. Está satisfeita, conquistou muito mais seguidores do que imaginou, mas continua curiosa

para saber quem é a pessoa que cria os filtros. Sabe que é uma mulher, porém, desconhece seu nome. Como prometido, foram feitos vários filtros específicos para ela, que ficava cada vez mais encantada.

Cecília está sentada no sofá editando fotos no computador e escutando música alta, algo que sempre faz quando os pais a deixa sozinha em casa. Continua distraída, até que recebe uma nova notificação: “Este é especial.”. Sem pensar duas vezes, Cecília o abre e nota que foi salvo automaticamente no seu celular. Ela se espanta ao abrir a câmera e ver o que apareceu. Algo que a faz derrubar o celular no sofá por impulso.

— Mas que droga é essa?

Cecília toma coragem e se olha novamente através do filtro. Seu rosto está coberto de sangue e tem um machado em sua cabeça. Imediatamente ela envia mensagem para aquela que enviou o filtro, “O que significa isso?”. A mensagem é visualizada e ignorada, o que deixa Cecília furiosa.

Ela decide gravar *story* reclamando, como está desarrumada, escolhe algum outro filtro. Para sua surpresa, em todos ela aparece como no último.

Decide ligar para Tamires, que logo atende.

— Alô, amiga, tudo bem? — fala animada.

— Não está nada bem. Veja, preciso que me tire uma dúvida. — Cecília diz andando de um lado para o outro.

— Claro, pode falar!

— Preciso que olhe seu *Instagram*.

— Espera, vou colocar meu fone e abro. — Alguns segundos se passam, mas logo ela fala novamente. — Prontinho! Olha recebi mensagem daquele perfil dos filtros!

— O que diz nela?

— Vou abrir, espera! Está dizendo que tem um filtro exclusivo para mim!

— Não clica! — Silêncio. — Tamires?

A ligação cai e Cecília fica angustiada, até que ouve o celular tocar.

— Está tudo bem? — pergunta preocupada.

— Está, só esqueci que se eu tento gravar algo quando estou em ligação meu celular não permite...

O tom de voz de Tamires havia mudado, o que deixou Cecília mais agitada.

— Aconteceu algo?

— Eu abri e apareceu uma imagem horrível. Muito sangue e uma faca

no meu rosto. Foi assustador.

Cecília se cala por um instante, sua amiga recebeu um filtro como o dela.

— Amiga, tenho que desligar. Lembrei que preciso falar rapidinho com a Karol, qualquer coisa me ligue, certo?

— Está bem, você também.

Ao desligar, Cecília liga para Karol, que também atende quase de imediato.

— Oi, amiga!

— Karol, preciso que você olhe se recebeu uma mensagem no *direct* daquele perfil dos filtros, se recebeu não abra!

— Vou olhar, mas por que não posso abrir? — pergunta curiosa.

— Ainda não sei, só estou com um mau pressentimento.

— Olha recebi, sim! — diz ainda mais animada.

— Não clica!

— Tarde demais, desculpa, você sabe como eu sou. Olha um filtro *pra* mim! Retorno já!

Cecília fica chateada por sua amiga não fazer o que pediu, mas ainda sente uma espécie de angústia. Ouve sons estranhos e pergunta.

— Papai, mamãe, são vocês?

Começa a andar pela casa e toma um susto quando o celular toca e vibra em sua mão.

— Que inferno! Por que está ligando só agora?

— Eu não acredito nessa brincadeira de mau gosto! — Karol fala irritada. — Eu vou acabar com a reputação dela, você vai ver!

— O que aconteceu?

— Uma imagem que parecia filme de terror.

— O que apareceu na câmera?

— Eu com o rosto deformado, nariz quebrado, horrível. E sabe o que é pior? Essa coisa deve ter vírus, porque é só o que aparece quando tento gravar algo.

— “Um vírus”, é uma possibilidade. — Cecília diz pensativa.

— Vou tentar resolver, beijo!

— Está bem, boa sorte, beijo!

Cecília fica mais calma depois que a amiga fala sobre o vírus, até escutar um novo barulho.

— Quem está aí? — pergunta, mas logo se arrepende ao notar um

vulto passando rápido.

Cecília corre para o quarto. Porém, não há tempo. Ao se virar, ela tem sua cabeça atingida fatalmente por um machado. O sangue escorre em seu rosto e seu corpo cai ao chão. Não há tempo de pensar em nada, de repente, tudo é um vazio.

Tamires ouve sons estranhos fora de casa e sai para olhar. A imagem vista no celular não sai da sua cabeça e ela se sente muito insegura.

Um novo barulho atrás da casa e ela caminha atenta. Toma um susto ao olhar para uma boneca com uma faca na cabeça e manchas vermelhas espalhadas. Decide voltar para dentro de casa, mas quando se vira alguém fecha a sua boca com a mão. Tamires se debate, mas logo perde os movimentos ao ter uma faca enfiada em seu olho.

Karol está na varanda do seu quarto, que fica no primeiro andar. Ouve passos se aproximando e acredita ser sua mãe lhe trazendo o chá que pediu.

— A senhora demorou. — diz se virando para a porta.

Seu corpo é arremessado da varanda. Pela força do impacto, parece que ela caiu de um prédio de oito andares. Seu rosto fica totalmente desfigurado e o corpo quebrado.

Pouco tempo depois, a notícia da morte das três se espalhou pelo *Instagram*. Elas ganharam muito mais que o dobro de seguidores, todos muito comovidos com a situação.

Em frente a uma tela de computador, um olhar quase tão brilhante quanto e um sorriso sincero de dever cumprido.

— É sempre muito bom deixar os seguidores satisfeitos.

A autora possui um conto publicado no Wattpad, chamado "Eternamente"; e dois microcontos no Sweek; um conto de terror em parceria com o escritor Geovane Gomes, chamado "Um Feliz Natal ou Travessuras?", publicado na Amazon; e um livro chamado Última Chance para o Amor, também na Amazon.

Mais trabalhos da autora no link <https://linktr.ee/helenamedeiros>

Vírus 27

Humberto Lima



Pode até parecer um dia como qualquer outro, mas para o pequeno Denis este é especial, afinal, sua mãe prometeu levá-lo ao cinema para ver um filme do seu super-herói favorito, o Ultra-homem.

Denis colocou sua capa vermelha, seus óculos idênticos aos que o Ultra-homem usa nos quadrinhos e foi com sua mãe de ônibus.

Na sua inocência infantil, ele não percebeu que a rua estava excepcionalmente agitada. Sua mãe, dona Santinha, colocava a mão na boca ao ver as pessoas descendo dos carros e se estapeando umas às outras tomadas por algum tipo de fúria insana.

— Meus Deus! Essas pessoas não têm o Senhor no coração!

Um senhor idoso desceu do carro e pela janela aberta deu um soco no rosto de uma mulher que buzinou para ele quando o farol abriu. Coisa de

louco.

O homem berrava, espumando pela boca e sendo contido por dois rapazes que desceram de uma moto, enquanto o ônibus onde Denis e sua mãe estavam partia lentamente com as pessoas comentando o fato.

Nada disso importava para o menino, que queria era ver o filme do Ultra-homem. Ele se sentia um pouco estranho, meio mole, olhos ardidos, mas devia ser apenas o começo de uma gripe. Com certeza se tivesse falado para sua mãe que não estava muito bem, não teriam ido ao cinema, de maneira que ficou bem quietinho até chegar ao Shopping onde dona Santinha, para economizar um pouco de dinheiro, preferiu ir até o minimercado comprar as guloseimas que de praxe sempre comiam.

Alguma coisa estranha estava acontecendo naquele lugar também. Dois homens discutiam furiosamente na fila do mercado, um deles com o nariz escorrendo sangue parecia extremamente nervoso e falava alguma coisa de política que Denis geralmente não prestava atenção, só que desta vez foi estranho, porque os homens do nada começaram a brigar e os seguranças do Shopping tiveram que intervir. O mais violento deles foi contido e esperneava, babando pelo canto da boca.

Sua esposa estava desesperada puxando os seguranças pelo braço.

— Larga meu marido! Ele está doente. — gritava sem parar.

Dona Santinha tratou de pegar os salgadinhos rapidamente, contornando aquele corredor, saindo várias caixas à frente. Correram para o cinema onde assistiram ao filme sem muitos problemas, além de um rapaz irritado por um homem com o celular ligado. Os dois discutiram e logo começaram a brigar de maneira que novamente os seguranças precisaram separar essas pessoas.

Denis, tomando seu refrigerante de garrafinha, percebeu que as pessoas estavam mais exaltadas que o normal.

— Mãe... Por que as pessoas estão brigando?

A mulher fez o sinal da cruz antes de responder.

— Não sei o que está acontecendo com as pessoas hoje! Isso com certeza é falta de Deus no coração.

Ao saírem do cinema, o menino estava novamente com fome e sua mãe resolveu parar em uma lanchonete, mas ela se absteve de comer dizendo para o filho que estava sem fome. Porém, a falta era de dinheiro mesmo e Denis, como um ótimo filho, dividiu seu lanche com a mãe.

Uma funcionária começou a bater boca com um cliente sobre a

qualidade e quantidade do milk-shake.

— Mocinha, eu paguei por um milk-shake de morango e o que menos tem aqui é morango! Se você olhar bem, está muito branco! Onde está o vermelho dele?

A garota, que não aparentava ter mais que dezoito anos, abriu a tampa do enorme liquidificador, deu um sorriso muito estranho no rosto que pareceu se alongar mais que o natural em uma pessoa sã.

— Você quer mais vermelho? Então eu vou te dar mais vermelho...

Isso ia além do prazer masoquista, era uma necessidade homicida que, como não podia ser saciada com os outros, tinha que ser infligida a si própria. Pensando nisso ela enfiou a mão no liquidificador industrial cujas hélices giravam em alta velocidade, sentindo a dor atroz da carne sendo dilacerada, depois o tendão e, enfim os ossos. Suas amigas de trabalho a olhavam horrorizadas, nem tanto pela automutilação, mas pelo sorriso que ela levava no rosto ao fazê-lo, entremeado pelas suas lágrimas de dor.

O cliente começou a vomitar ostensivamente e a mãe de Denis fechou os olhos do menino, puxando-o pelo braço e correndo para fora daquele lugar junto com outros clientes que faziam o mesmo.

De dentro da lanchonete os gritos começaram a se intensificar quando, com a outra mão, a funcionária pegou a faca de cortar frutas e pulou o balcão, esfaqueando o cliente na garganta.

Quando dona Santinha e seu filho alcançaram a saída, se deram conta do inferno que teriam que atravessar. As pessoas ensandecidas se espancavam no meio da rua como se fossem inimigos seculares.

Uma senhora acabava de arrancar um bebê de pouco mais de dois anos da cadeirinha ao abrir a porta traseira do carro e o jogou com violência contra o chão, urrando de maneira que parecia possuía por alguma coisa que não era exatamente humana. A mãe do bebê saiu do carro e, ao tentar pegar o filho, foi jogada no chão pela idosa como se atacada por uma fera. Um homem atravessou a rua correndo para ajudar a mãe e o bebê, mas foi abatido por um jovem com um skate e um sorriso ensandecido no rosto.

Segurando Denis com força pelas mãos, dona Santinha, horrorizada correu para o ponto de ônibus pegando o primeiro que passava. Sua meta era fugir daquela loucura toda, mas ao olhar o rosto do motorista percebeu que havia entrado em algum tipo de armadilha. Os olhos do homem de pele morena giravam enlouquecidos no rosto e ele ria balbuciando palavras desconexas.

— Seus félas das putas... Tudo félas das putas...

Dona Santinha ainda tentou recuar com o filho, mas infelizmente ele fechou a porta e o que se passou foram quinze minutos arrepiantes em que o homem dirigia em alta velocidade, acertando pedestres sem dó nem piedade, que desapareciam aos solavancos debaixo das rodas e seus corpos mortos eram deixados para trás como migalhas sangrentas, enquanto alguns passageiros tentavam tomar a direção do motorista ensandecido e outros pareciam tomados da mesma loucura furiosa, se espancando dentro da condução cheia.

Uma senhora orava baixinho com a Bíblia a tiracolo, falando algo sobre o fim dos tempos e, ao mesmo tempo em que alguns passageiros lhe davam atenção orando juntos, outro grupo ria e falava palavras desconexas como se estivessem possuídos.

— Sua velha louca! Deus não está aqui! — gritava uma adolescente com olhos possuídos pelo ódio. Saliva escorrendo pela boca.

Por sorte um passageiro na rua deu sinal e o condutor, mais por costume do que por vontade mesmo, parou o ônibus de maneira que mãe e filho conseguiram escapar antes que ele fechasse a porta, gargalhando enlouquecido e acelerando a condução mais de setenta quilômetros por hora, precipitando-se em um morro cuja queda era um condomínio.

Tremendo, os dois apenas ficaram olhando o ônibus capotar diversas vezes com os passageiros dentro se revirando como bonecos. E pior, sabendo que era para os dois estarem lá também. Uma casa foi atingida e a mãe do menino o abraçou com força enquanto o ônibus pegava fogo.

— Senhor! Senhor! Peço perdão pelos meus erros! Obrigada pelo livramento de nossas vidas...

Dona Santinha quase se sentou na calçada para começar a chorar, mas os tiros e os berros vindos de algum lugar próximo na vizinhança colocaram a mulher em alerta máximo para proteger a si e ao seu pequenino. Os dois correram muito na periferia, fugindo de vizinhos anteriormente dóceis e agora armados de facas e tomados por olhos assassinos. Finalmente depois do que lhe pareceu serem horas, a mulher chegou em casa com o menino.

Trancou as portas e, os vizinhos, vendo que não conseguiam arrombar, acabaram desistindo e atacando alvos mais fáceis nas ruas.

Ela tentou ligar para a polícia, mas o telefone só retornava a mesma mensagem.

— "Estamos numa situação de calamidade pública e pedimos aos

cidadãos que não saiam de suas casas. A ordem será restabelecida pelo exército muito em breve. Agradecemos a cooperação".

Dona Santinha ligou a televisão e tudo o que a mulher viu era o caos. A notícia das desgraças se sucedia sem interrupção e até mesmo durante a programação do jornal, um assistente, tomado por fúria homicida tentou perfurar com uma caneta o apresentador, sendo contido por enormes seguranças.

Dona Santinha apenas orava e orava. Finalmente lá pelas oito horas da noite seu marido Adalberto chegou com os olhos muito arregalados.

— Mulher de Deus! Lá fora na rua está uma loucura! As pessoas estão se matando por nada! Eu nunca vi coisa desse tipo. Deve ser como o pastor falou para nós. É o fim dos tempos!

Foi só após as dez horas da noite que veio a explicação oficial do que estava acontecendo. O governo havia aplicado uma vacina experimental que teve efeito adverso em algumas centenas de pessoas, de maneira que estes passaram a agir como animais raivosos e aquilo já estava sendo chamado de “vírus 27”, pois veio dentro de um contêiner americano de número 27, sem mais explicações.

O governo sabia que aquilo não estava acontecendo só em nosso país, tendo casos já comprovados na Ásia, Europa e África. O único pedido do governo era que ficassem em casa e amarrassem com muita força qualquer indivíduo da família que apresentasse sintomas de febre súbita no período de até quarenta e oito horas.

— Mãe!

O jornal continuava a falar sem parar sobre diversos casos de loucura coletiva causados pela doença e massacres em todos os continentes.

— Mãe! Mãe, o que é vírus?

O menino sentia um estranho mal-estar, porém sua curiosidade falava mais alto. A mãe se exasperou.

— Denis! Vai já para a cama! Isso não é coisa para criança estar olhando!

— Mas...

O pai concordou imediatamente, afinal tudo o que a esposa falava era lei.

— Vá deitar menino! Sua mãe já mandou!

O menino começou a ficar irritado.

Foi até o banheiro e fez o seu xixi, escovou os dentinhos e continuou

irritado. Foi na cozinha beber um copo d'água, mas sua irritação só crescia. Finalmente Denis abriu a gaveta onde sua mãe guardava as facas afiadas e, sem dizer uma única palavra voltou até a sala, olhando atentamente para a nuca dos dois.

Humberto Lima, O Criador de Pesadelos.

Professor de Geografia, escritor de terror entre outros gêneros e desenhista.

Mora em São Paulo, Capital.

Tem um filho de 23 anos chamado Bruno Lima e é um observador do mundo.

Apaixonado pelo terror, ele participa de mais de 35 antologias em livros físicos e virtuais em diversas editoras tais quais Empíreo, Illuminare, Rico, Arkanus, Cartola, Desconcertos, Darda e Porto de Lenha, entre outras.

Também participou de contos para revistas como a Litere-se e outras. É colunista com artigos semanais na Publiquei e Literanima.

Desenhista com gravuras em livros e quadrinhos.

A Terrível História de Marcelo Pão de Queijo

Jorge Raskolnikov



Marcelo pão de queijo nunca vendeu pão de queijo. Nenhum sequer, apesar do apelido. O homem ganhava a vida produzindo e vendendo salgados, mas não pães de queijo. Eu lembro bem. E meu pai me confirmou isso tempos depois, sentado em sua rede, contemplando as brumas da catarata, aos oitenta anos.

Relembrou esse fato, o apelido que não fazia sentido e os acontecidos. Um encontro raro em que reunimos toda a família para passar um final de semana sob o mesmo teto. Minha mãe já tinha falecido. Eu, meu irmão e irmã lembramos quase ao mesmo tempo de Marcelo, seus salgados e sua tragédia. Ele era uma figura querida no nosso bairro. E não apenas por causa de seus

quitutes. Um homem rechonchudo, de meia idade, sem esposa e filhos. Vivia só, numa casa simples que, além de domicílio, era sua pequena padaria.

Parecia solitário, embora tivesse um ar alegre e descontraído. Abastecia parte do comércio local com sua mercadoria e saía de bicicleta para vender o resto. A molecada da rua, inclusive eu e meus irmãos, o interceptava com algazarra. Depois de atender a gente, ele seguia seu caminho e só voltava no fim de tarde.

Embora falasse com todos, principalmente com as crianças, era reservado, só saía para trabalhar e não se embriagava aos sábados como os outros homens da nossa rua. Más línguas especulavam que Marcelo pão de queijo era homossexual. E isso era coisa terrível para uma comunidade atrasada e preconceituosa como aquela no início dos anos sessenta.

Como o fato não se confirmasse, a vida seguia tranquila sem que ele sofresse alguma discriminação mais direta. Mas aí então veio verão de 1961, mais quente que o habitual. Foi nesse tempo que desapareceu o primeiro menino. Wagner, um moleque de sete anos. Logo depois, outro garoto de seis que não recordo o nome, após todo esse tempo. O bairro ficou apavorado. Eu me lembro de me sentar na calçada à noite – nós tínhamos esse hábito – com meu irmão e amigos e falar sobre isso e outras histórias escabrosas, até nossas mães nos mandarem entrar.

O que passou a acontecer mais cedo devido aos desaparecimentos. Deitado na minha cama eu ficava pensando no destino dos garotos e nos outros contos pavorosos. Óbvio que alguns eram falsos e impossíveis, mas eu não sabia diferenciá-los. Para minha mente de criança, a história da mulher que virava serpente, presa num túmulo de cemitério, era tão possível quanto um raptor de crianças.

A busca pelos garotos continuou assim como novos sumiços. Este tinha nove anos, o que fez com que os medos prosperassem ainda mais. A polícia acreditava que um maníaco obcecado por garotos estava por detrás disso. Uma espécie de perfil – embora não usassem esse termo – foi traçado. Devia ser solteiro, meia idade, com fama de homossexual. Os olhos se voltaram para Marcelo. A coisa pesou para seu lado ainda mais quando descobriram que ele fora preso quando jovem.

Começaram os rumores e suspeitas. Entretanto, a coisa complicou mesmo quando começaram a sentir um cheiro estranho vindo da casa do vendedor de salgados. Era um cheiro de carne podre e a polícia foi chamada.

O povo da rua, bastante curioso, se postou para ver o que acontecia.

Marcelo recebeu os policiais. Eles entraram e então depois de pouco tempo, saíram com o vendedor de salgados algemado. Ele foi colocado no banco de trás do carro de polícia. Logo veio o rabecão. Nesse momento, pessoas de outras ruas tinham vindo acompanhar o terrível espetáculo. As pessoas se acotovelavam e perguntavam insistentes o que tinha acontecido.

Marcelo Pão de Queijo fora preso por quê? Era ele que tinha pegado as crianças? O que havia na sua casa? Foi então que o Sr. Benício, morador da nossa rua que tinha servido como pracinha na segunda guerra mundial, fazendo uso de sua personalidade forte e cativante, foi lá conversar com os policiais. Voltou e disse que haviam encontrado partes de corpos na casa de Marcelo. Ele era provavelmente o maníaco que tinha sequestrado e matado os meninos.

Obviamente que seria necessário um exame mais apurado sobre a identidade das crianças. De qualquer maneira, havia restos mortais na casa do homem. Quando a multidão soube disso, se juntou e tentou confrontar Marcelo. Policiais intervieram, atiraram para cima e conseguiram levá-lo, abrindo caminho no meio da turba enfurecida.

Na delegacia, Marcelo Pão de Queijo jurou inocência. A perícia apurou que havia pelo menos membros de quatro crianças na laje da casa. Através de sinais particulares das mãos, braços, pernas e torsos, identificou-se dois dos desaparecidos. Um terceiro, embora não se tivesse certeza, podia muito bem ser do primeiro garoto, a quarta vítima era desconhecida. Mesmo após interrogatórios, tortura, Marcelo continuou dizendo que era inocente. E ainda disse que suspeitava que os corpos haviam sido jogados ali pelo vizinho de quintal.

Os homens da lei indagaram – se ele era mesmo inocente, por que não se incomodara com o mau cheiro no teto de sua casa? – Marcelo explicou que há anos trabalhava com óleos, temperos, queijos e produtos que desprendiam cheiro intenso e isso obscurecia seu olfato. No bairro não se falava em outra coisa a não ser em Marcelo Pão de Queijo, o homem que esquartejava crianças, usando como disfarce, a venda de salgados. Talvez até mesmo usasse suas carnes para preparar os quitutes.

O julgamento público de Marcelo foi sumário. Como não podiam pega-lo, se voltaram contra sua casa. Primeiro jogaram lixo em sua porta, picharam a fachada e depois atiraram pedras e garrafas no teto. Após isso, tentaram invadi-la para destruir tudo que houvesse nela. As autoridades vieram e a coisa ficou feia com algumas pessoas sendo repreendidas. Nossa

rua tinha se tornado um palco de horror. Não se falava em outra coisa e as especulações não paravam. Diziam que Marcelo passara a vida fazendo coisas com garotos debaixo dos nossos narizes. Seu trabalho era fachada.

Muito provável que violava os meninos sexualmente e depois consumia sua carne ou as colocava em seus salgados. Alguns faziam gestos de vômito ao ouvir isso. Marcelo foi surrado por presos e por pouco não conseguiram realizar o maior intento, introduzir um cabo de vassoura no seu reto. Ainda assim, consta que foi sodomizado.

Alguns dias se passaram sem que o interesse nesses acontecimentos arrefecesse e então o que tinha trazido os policiais à residência de Marcelo, se repetiu. A polícia foi novamente chamada por causa de odores estranhos. Os agentes da lei mais experientes se surpreenderam com o que encontraram.

Mais despojos humanos espalhados sobre a laje na parte posterior da casa de Marcelo. Consequentemente o choque. – O vendedor de salgados era inocente e o matador estava solto – A polícia resolveu fazer uma busca geral pelas casas vizinhas, incluindo quintais e terrenos adjacentes.

Deparam-se com uma residência de dois andares que deveria estar fechada, sem moradores. No entanto, lá estava um indivíduo andrajoso que não falava. No interior da residência havia sangue coagulado e roupas de crianças. A casa dividia dois terços de sua largura com os fundos da casa de Marcelo. De seu segundo andar dava para ver os tetos dos vizinhos. Para a polícia foi fácil. Ali estava o verdadeiro maníaco. E isso ficou ainda mais claro quando restos mortais foram achados num velho freezer. Neste meio, estavam os crânios das vítimas.

Aparentemente o homem – que parecia sofrer de problemas mentais –, simplesmente jogou algumas partes dos corpos sobre a laje descoberta de Marcelo Pão de Queijo.

Mais comprovações sobre o maníaco surgiram, apesar de ele não dizer uma só palavra. Provas e mais provas materiais indicavam a atividade do sujeito sem deixar qualquer dúvida. Especialistas declararam que o homem, apesar de ser fisicamente capaz de falar, tinha algum problema psicológico que o impedia. Não era resistência, a sessão de pancadaria na delegacia corroborava esse diagnóstico. Mas o certo é que ele era perverso e perigoso, apesar de parecer inofensivo.

Em certa ocasião agrediu um dos seus carcereiros quebrando-lhe a mandíbula. Psiquiatras forenses se acercaram dele cobrindo-o de escrutínio e teorias. De qualquer maneira, iria ficar preso por muito tempo.

Marcelo voltou para casa numa cinzenta tarde de domingo. As pessoas se sentiram envergonhadas, mas não o suficiente para irem lhe pedir desculpas. Na verdade, me pareceu que, daquele momento em diante, Marcelo estava condenado. Ninguém foi à sua casa perguntar como estava. Nem mesmo o Sr. Benício, homem mais sensato. Meus pais limitaram-se a dizer que era bom que tudo estivesse esclarecido, mas também ficaram indiferentes.

Marcelo tentou voltar à sua rotina enquanto as pessoas picharam e depredaram a casa onde o verdadeiro maníaco fora encontrado, embora a residência não fosse dele. Numa noite, invadiram-na e em vingança, arrancaram a maioria de suas portas e janelas. Agora surgiam teorias, explicações e histórias sobre o verdadeiro matador que ninguém tinha reparado no nosso meio.

Marcelo voltou a fabricar seus salgados, mas os compradores habituais não quiseram sua mercadoria. Alegaram terem contatados novos fornecedores em sua ausência. Marcelo tentou vender na rua. Em nosso bairro não teve êxito. As crianças o temiam. As pessoas agiam como se ainda houvesse a possibilidade de que fosse o assassino e tivesse colocado carne de defunto em seus salgados. Marcelo perdeu mercadoria, só conseguia algumas vendas se fosse para bairros mais distantes.

Veio o inverno, o frio, e a condição das ruas o atrapalharam. Ficou isolado, sozinho, assustador para a maioria. A prisão do verdadeiro maníaco o libertou da cadeia, mas não do receio doentio do povo. Foi definhando. Andando pelo bairro sem produto, bicicleta, amigos ou compreensão. Um dia o encontraram morto, enforcado na sala de sua casa. O que foi percebido quando seu corpo emanara o mesmo odor sentido no bairro alguns meses atrás. Agora o fedor de carne podre era responsabilidade de Marcelo Pão de Queijo, o homem que nunca vendeu pães de queijo na vida, nem matou crianças.

Formado em teatro pelo IFCE, professor de arte e literatura. Escreve para teatro e produz ficção, especialmente histórias fantásticas e de terror. Tem diversos livros publicados na Amazon além de outros conteúdos dispersos na internet em página do facebook e podcast no youtube.

Enterrado Vivo

Fernando Varga



Jaime parou quando ouviu estalos seguidos, muito rápidos para serem de passadas normais. Mirou o facho da lanterna para o caminho atrás de si e franziu as sobrancelhas.

— Chiu, idiota! Quer que alguém pegue a gente?

Estancaram ao saírem da via ladeada por montes de terra remexida, a maioria sem lápides nem jardins. Algumas, no entanto, haviam sido marcadas com placas de pedra datadas e com o nome da pessoa sepultada. Outras poucas exibiam fotografias em preto e branco dos desencarnados, sempre desconfortáveis. Pareciam segui-los com os olhos e reprová-los, conforme a luz da lanterna passava e a escuridão tornava a cobri-las.

— Não. Eu só tropecei e...

— Ou pior... Quer incomodar os mortos?

Tito encarava o irmão como um sagui encurralado. O mato era alto e as árvores guardavam, junto às raízes, os galhos derramados desde quando a morte não existia por lá. Era impossível saber onde pisavam. Sons repentinos e movimentos estranhos na folhagem lhes rodeavam os pés. A lua estava cheia, mas a vegetação ocultava os seres da noite. Tito ofegava segurando a pá com as duas mãos.

— É difícil andar carregando isso. — sussurrou, conferindo ao redor.
— E está muito escuro!

Jaime bufou e, virando-se ao matagal, ordenou.

— Pise só onde eu pisar, imbecil.

— Acho melhor a gente voltar...

Jaime foi até o irmão e o agarrou pelo braço.

— Anda logo! Não foi você que pediu pra te trazer no cemitério? Não era você que queria saber se a história era real?

Tito o encarou com seriedade. Os mosquitos trombavam-lhe o rosto iluminado pela lanterna, mas o menino não se mexia. Jaime continuou, os olhos marcados por sombras.

— Então! Só tem um jeito de descobrir.

O mais velho se embrenhou entre as árvores e, ao ser abraçado pela escuridão, Tito correu para alcançá-lo. O sereno tombou grosso e os ventos trouxeram nuvens a cobrir o luar. Só o que ouviam, além da respiração do garoto mais jovem, eram grilos agitados e folhas se debatendo.

O cheiro azedo de putrefação das flores abandonadas misturava-se ao de fezes frescas. O mato molhado tornava a caminhada escorregadia e, por vezes, foi necessário esforço para não perderem os tênis. Era como se o cemitério quisesse guardar ao ventre qualquer um que o adentrasse, abraçando pés, calcanhares e corpos com braços gosmentos.

— Ele era um homem rico, sabia? — comentou Jaime ao ouvir o irmão se aproximar. — Era tão rico que podia comprar um shopping inteiro.

Tito tentava se livrar dos insetos enquanto ouvia. Chacoalhou o pé para que uma barata afoita saísse do cadarço e respingos de lama voaram da sola, lançando-se contra o mato. Um galho decrépito precipitou-se à frente de Jaime. Tito firmou os olhos e ergueu a pá junto ao peito.

— Então por que enterraram ele?

— Porque o demônio quis! — Jaime pulou apontando a lanterna ao rosto do irmão. — Hua-ha-ha!

A risada ecoou por mais tempo do que esperava. Qualquer ruído, no

silêncio da morte, tem muito valor para os sôfregos de vida. Jaime poderia jurar que alguém o havia chamado. Puxou o irmão pela manga da blusa.

Os meninos continuaram a caminhada na lama, guiados apenas pelo facho da lanterna e pelas lembranças mórbidas de Jaime. O mais novo parou, mais uma vez.

— Você disse que o diabo enterrou o homem?

— Não, estúpido. O diabo quis que... O que foi?

Tito olhava fascinado para o breu do mato. Jaime mirou a luz. Dois pontos bruxulearam. O mais velho prendeu a respiração e apertou o lábio com os dentes antes de dar um passo à frente. Um miado seguido de lamúria. Então, as presas apareceram.

— Gato idiota! — gritou Jaime.

O garoto apanhou qualquer coisa sólida no lamaçal e atirou em direção ao animal. Tito segurou o braço de Jaime.

— Esse maldito tem sorte. Se passar de novo na minha frente, faço com ele pior do que fiz com o Selmo. — disse, olhando para o irmão.

Tito ouviu calado e se recompôs. Apertou a pá entre as mãos. Lembrava-se do animal como um amigo. Havia procurado Selmo por toda a parte. Um dia, simplesmente parou. Agora, Jaime usava o luto do irmão para seu prazer. Tito arfou com força. Passou à frente, rompendo o mato fechado, para espanto de Jaime. Mais adiante, esperou silenciosamente o mais velho com a lanterna.

Continuaram a caminhar rodeados pela escuridão. A cada passo, Jaime sorria mais. A cada resmungo de Tito — que não parava de falar sozinho —, arrepiava-se de ansiedade. Perguntou-se por que havia escolhido um lugar tão distante. Ninguém, a não ser o tonto do irmão, havia procurado pelo gato de estimação. Um estorvo que gastava o dinheiro dos pais e defecava sob a janela do seu quarto.

Um vento gelado, carregado de garoa, bateu no rosto de Jaime quando escapou de uma rama e adentrou a clareira. Havia pequenos montes de terra remexida e poças de água com mosquitos nos buracos.

— É aqui. Comece a cavar. — Ordenou.

— Acho que não quero mais. Podemos ir?

— Você me fez vir até aqui pra me dizer que quer ir embora? Eu acho que não, pirralho.

— É nossa última chance, Jaime!

O mais velho pegou o irmão pela gola.

— Hoje nós vamos descobrir se a história do enterrado vivo é verdadeira. Cave ou você vai ser o próximo a ter o pescoço quebrado!

O garoto riu. Tinha um brilho nos olhos que, fosse noutra situação, o deixaria belo. Iluminou um pedaço do chão e reiterou a ordem. Tito balançou a cabeça, assentindo, e encravou a pá no solo, ao lado do facho de luz, onde estava mais fofo. Jaime apertou os olhos e se corrigiu. Conforme a terra saía e formava um bolo disforme, crescia a agitação do mais velho.

A chuva apertou e os primeiros trovões estremeceram o chão. Com Tito afundado até a cintura, Jaime parou de piscar. Debruçou-se sobre os joelhos e acompanhou a terra sendo lançada buraco afora. O odor exalado da lama tinha perfume de morte e Jaime o inalava como um sommelier. Somente um ser poderia tirá-lo do gozo mórbido da brincadeira perversa com o irmão.

Veio andando de dentro do mato e parou à beira da cova em que Tito trabalhava. Jaime olhou o gato sem acreditar na petulância do animal, molhado da chuva e com as patas sujas de barro. Jogou o rabo em volta das patas e ficou sentado, encarando o garoto mais velho.

Miou como se invocasse alguém. Tito parou de cavar e o viu. Sorriu ao perceber que o gato tinha voltado. Jaime enlouqueceu.

— O que você está fazendo? Não pare!

— Oi, amigo. Estou quase acabando. — disse Tito ao gato.

Jaime apanhou uma pedra e foi em direção ao animal. Mal conseguia segurá-la com as mãos. Esgueirou-se como cobra preparando o bote. Ao chegar por trás do gato, ergueu a rocha sobre a cabeça. Tito arregalou os olhos para o animal, que o respondeu com uma piscada longa e um tremor de rabo. Com toda a força dos braços, Jaime lançou a pedra contra o corpo do felino, o qual caiu sem gemer.

— Não! — gritou Tito.

— Eu avisei! Agora continua, ou a próxima pedrada vai ser na sua cabeça.

Gotas pesadas caíam com velocidade do véu opaco estendido sobre o cemitério. O último miado do gato soprou ao ouvido de Tito. Olhava para Jaime, mas não o via. Seu foco perdeu-se no matagal atrás das pernas do irmão. Fungou o nariz e voltou ao trabalho, resiliente.

Jaime se espantou com a rapidez com que Tito aceitou o inevitável. Mal se aguentava de euforia depois de ver o sangue do gato jorrar próximo à luz da lanterna. Excitado, queria mais. Ansiava por ver o corpo imprestável de Selmo outra vez. Ver a cara de Tito quando, ao forçar a pá na lama,

descobrisse que havia dilacerado o estimado animal.

E Tito forçou a pá. As estocadas abafadas mostravam que algo impunha resistência. Era firme. Porém, no rosto, em vez de horror, inquietação. Jaime o observava com euforia suspensa.

— Acho que encontrei. — disse o menor.

— Encontrou o quê? — perguntou Jaime, pulando.

— O caixão... Do homem!

“Impossível!”, pensou Jaime.

— Saia daí!

O mais velho pulou no buraco enquanto Tito se arrastou para fora. De quatro, bateu a lama. O temporal caindo naquele momento lavou o objeto duro. Era madeira. Como não havia achado aquilo ao enterrar Selmo? Cavou com as mãos o entorno. Entretanto, a água da chuva trazia a terra de volta, tornando impossível aos olhos distingui-lo. Enfiou os braços na água barrenta e apalpou.

— É só a raiz de uma árvore, seu idiota! — Jaime se levantou. — Tito?

Olhou em volta sem encontrar o irmão. Enraivecido, tentou subir à beira, mas a lama erodiu, fazendo-o cair na poça que já lhe cobria os tornozelos. Chamou Tito aos berros. Em nova tentativa, jogou-se acima e agarrou as plantas da superfície.

Ao colocar o peito sobre a borda, apavorou-se. O gato que havia trucidado lambia a pata dianteira e esfregava-a nos olhos. O bichano parou quando o rosto sujo de Jaime o encarou. Olharam-se por um segundo. O garoto resolveu agir. “Dessa vez você fica nesse cemitério, maldito.”

Forçou os braços para baixo. Antes, porém, que pudesse se pôr fora da cova, o gato escancarou a boca, lançando as presas em direção a Jaime, bufando uma névoa quente. No reflexo de se proteger, o menino se desequilibrou, caindo de volta, sentado n'água. O baque remexeu o barro e o corpo de Selmo boiou. Jaime se assustou.

— Tito! — gritou, chorando de dor, raiva e medo.

Reuniu as forças para colocar-se de pé, novamente. Ao olhar para fora, seu irmão estava parado à frente do gato, abraçado à pá.

— Me ajuda! — suplicou Jaime.

— Mas não era você que queria ver o Selmo de novo? A gente te trouxe.

Jaime estava aos prantos. Tito estendeu a ferramenta. No momento

em que o clarão de um raio ofuscou a vista do mais velho, o gato miou e a pá irrompeu contra seu rosto.

Jaime tombou, desacordado, junto a Selmo. Conforme a terra foi sendo tornada por Tito e a tempestade ocupou o fosso, os corpos afundaram. As bolhas de ar demoraram a cessar e foram contidas pelo monte de barro que se erguia das profundezas.

Quando a chuva parou, Tito terminou. Jogou a pá no meio do mato e secou o suor da testa com o braço.

— Vem, amigo. Vamos pra casa. — chamou, estalando os dedos. — Seu nome vai ser Selmo.

O gato miou aveludado, esfregando-se nas pernas de Tito. Antes de partirem, Selmo defecou sobre a cova e encobriu as fezes com um pouco da terra revolvida.

Escritor e redator com contos em coletâneas como Universo Fantástico (Ed. Perse), Nightmares 2: Alguns pesadelos para quem dorme acordado (Elemental Ed.) e Vampiros, Lobisomens e Outros Entes Monstruosos (Freebooks Ed.), e revistas como Zzzumbido e Vacatussa. Tem uma página no Facebook com seu nome.

Feliz Aniversário, Brilhantina do Sul!

Salazar Albuquerque



Já eram quatro da manhã quando vovó Iolanda se levantou da cama, graças à Morgana, sua gata de pelos negros e olhos cor de mel, companheira de quase uma década.

Como era hábito, abriu os olhos e, sorrindo, acariciou a bichana de uma doçura única. "Bom dia, meu amor". Dizem que os gatos reproduzem os comportamentos de seus donos, não é mesmo?!

Iolanda tomou seu banho frio, enxugou-se com cuidado e calma, vestiu seu conjunto composto por camiseta, calças e sapatilhas brancas, coberto por um belo avental rosa bebê. Pegou a fitinha pink sobre a penteadeira, estacou diante do espelho e sorriu. Com a fitinha empunhada, amarrou com seu tradicional laço sobre o coque de madeixas brancas. Estava tudo em seu devido lugar. As rugas parasitas formavam profundos sulcos nas

fronteiras da boca, na testa e nos arredores dos olhos azuis. Por incrível que pareça, ela aparentava ser muito mais jovem quando metida naqueles trajes, até os cabelos brancos pareciam fazer parte do conjunto.

Antes de sair, parou por alguns segundos diante da porta do banheiro. Morgana miava sobre o grande freezer horizontal, o que a fez lembrar os salgados produzidos na noite de ontem. Havia ali pelo menos dois mil salgados de carne suína, sua obra-prima, seja pela leveza e textura da carne, pela massa levíssima, ou até mesmo pelo carisma da artista que os criara. Um belo conjunto.

Vovó Iolanda saía religiosamente no mesmo horário para levar as encomendas e os salgados que produzia em casa até a lanchonete Criança Feliz, e não era qualquer lanchonete. Simplesmente referência entre os quarenta mil habitantes da cidade de Brilhantina do Sul.

Apesar de ser relativamente pequena, ainda assim a cidade possuía seus problemas, como a onda crescente de crimes, desaparecimentos de crianças e o aumento considerável de furtos a carros e residências. Mas no que dizia respeito à Criança Feliz, a empresa prosperava concomitante ao aumento dos crimes na região. Festa infantil? Iolanda estava lá. Eventos na cidade? Novamente podia contar com sua empresa. A figura doce de pouco mais de um metro e meio era tão popular que frequentava a residência do prefeito e fornecia salgados especiais à sua família.

O que era mais engraçado e despertava real curiosidade na população local era que a vovó Iolanda trabalhava sem a ajuda de absolutamente qualquer pessoa quando o assunto era seus famosos salgados, tendo apenas três funcionários para o atendimento ao público e preparação dos hambúrgueres, exclusivamente na lanchonete. Uns diziam que era pelo medo de descobrirem a receita secreta que possuía, por isso os preparava em casa; outros porque era extremamente exigente com o modo de preparação. Já a concorrência, dizia ser porque era tremendamente mão de vaca, preferindo trabalhar de forma exaustiva a ter que pagar mais colaboradores. As possibilidades eram gigantescas. A inveja dos empresários do ramo, idem.

[06h15] A anosa retirou o molho de chaves do bolso do avental, procurando com certa dificuldade a que pertencia ao velho Classe C prata, deixando os numerosos salgados sobre a pequenina mureta do quintal. Abriu a porta do automóvel e os deixou sobre o banco do passageiro. Ajeitou-se calmamente ao volante, ligou o veículo e seguiu à lanchonete. Como

era aniversário de quarenta anos da cidade, os enfeites já tomavam as esquinas, árvores e marquises, parecendo um Natal fora de época – aos mais safados, poderia ser um belo Carnaval fora de época, vai do ponto de vista –.

O Mercedes prata parou ligeiramente fora da área demarcada para um veículo comum, no estacionamento [06h43] da Avenida Luís Uberaba, onde a famosa lanchonete já era revelada pela luz alaranjada do nascer do Sol. O corredor que, comumente vivia abarrotado por automóveis ruidosos, estava completamente vazio por conta do feriado. Vovó Iolanda desceu do veículo com certa dificuldade, empunhando a bacia pesada coberta pelo que parecia ser um lençol dobrado. A vasilha fora colocada sobre o teto do automóvel enquanto a chave completava meia volta na fechadura do mesmo. Por detrás de seus ombros, houve grande estrondo repentino...

O "pacote" branco e rosa – ensanguentado – caíra sobre o veículo, graças ao tiro ainda quente pregado na nuca, enquanto suas mãos ossudas e enrugadas procuravam apoio, resultando na queda barulhenta da bacia, com seus salgados ainda não assados e seu corpo sobre a calçada do Criança Feliz. Um corpo sem vida, centenas de salgados sobre o chão e uma vasilha revirada sob os primeiros raios de sol da Luís Uberaba.

A cidade estava em choque com a notícia. Qualquer pessoa poderia ser assassinada daquela maneira, menos a vovó Iolanda, querida por quase todos na cidade, ainda mais em pleno aniversário de Brilhantina!

De acordo com duas testemunhas próximas ao estacionamento o suspeito encobrir a placa da motocicleta azul, o capacete com viseira fumê anulava qualquer possibilidade – remota – da identificação de seu nome ou paradeiro.

Viaturas de todos os lados começaram a chegar no local, a multidão estava [07h20] petrificada ao redor do corpo sem vida de dona Iolanda. Os principais suspeitos com certeza seriam os concorrentes, não havia outra

hipótese, visto que, o veículo permanecera no mesmo local, pertences idem e o único fator motriz ao caso era a ganância, inveja, a maldade humana nua e crua nas retinas dos curiosos.

"A CASA DA DONA IOLANDA, O SUSPEITO DEVE TER IDO PARA LÁ, POLICIAL, DEVE TER IDO PEGAR AS RECEITAS DELA" – um dos homens, visivelmente abalado, gritava entre a multidão para um grupo de policiais que estava próximo ao corpo já coberto.

Como num surto repentino de insight, após ouvir os brados do homenzinho, uma viatura com três agentes cantou pneu em direção à casa da defunta, aniquilando o silêncio habitual que toda manhã de feriado inspirava.

... [07h50]

A rua da residência estava deserta. A casa de número 269 encontrava-se com os portões abertos. Os muros amarelos contrastavam belamente com uma motocicleta esportiva azul royal, estacionada sobre a calçada, em frente aos portões.

"Eu sabia, ele está lá! A moto bate perfeitamente com a descrição fornecida pelas testemunhas!"

Só havia silêncio.

Os policiais atravessaram lentamente os portões, evitando que seus passos fossem ouvidos; a tensão percorria os corpos freneticamente, os olhos atentos às botas lustradas. O gramado da residência estava bem aparado, com um pequeno e bem cuidado jardim, próximo a uma fonte d'água envolta em pedras. A porta de madeira trabalhada estava aberta em dois quartos.

Armados e atentos, os policiais entraram lentamente. A sala encontrava-se imersa em penumbra, provavelmente devido às cortinas cerradas da residência. Pouco dava para enxergar da luz vinda do lado externo.

O grupo resolveu acender suas lanternas com o máximo de cuidado

para não serem identificados. Era certo que não estavam sozinhos no ambiente. As lanternas iluminaram a sala, que por sinal, encontrava-se em perfeita organização, composta por uma dessas TVs LCD beirando uma década de vida, estofados vermelhos e tapetes brancos felp...

"ESPERA! Olhem ali sobre o tapete." – um dos policiais cochichou ao grupo.

Um gato preto sobre uma manjedoura de sangue vermelho-vivo contrastava com a pureza da tonalidade do tapete. A cena era chocante. O ambiente cheirava a lavanda. O cômodo encontrava-se vazio, exceto pelo pequeno cadáver, segundo as luzes das três potentes lanternas. A busca cautelosa permanecia. A sala fora deixada para trás, o grupo se aproximava do banheiro, que por sua vez, tinha sua porta cor de creme completamente aberta e iluminada pela luz externa, finalmente não havia cortin... [AAAAAAAAAAAAAAAA, NÃO PODE SER!]

Gritos e choro desesperados foram ouvidos no que parecia ser a cozinha, que ficava no final do longo corredor da casa espaçosa. Os policiais correram até lá com as armas empunhadas. A cozinha, diferentemente da casa, estava com todas as cortinas abertas, permitindo que a luz do dia penetrasse sem reservas no ambiente, que por sua vez, estava completamente desorganizado. Armários violados, pacotes de alimentos espalhados pelo chão, um freezer horizontal escancarado e a geladeira revirada.

Um homem chorava desesperadamente no chão, de costas ao grande freezer, no canto direito da cozinha.

"POLÍCIA, MÃOS SOBRE A CABEÇA, AGOR... Ulisses? O que você está fazendo aqui?" — Um dos policiais o conhecia, e como já era previsto por todos, era o dono da lanchonete Dog Delivery, principal concorrente da Criança Feliz.

O homem permaneceu com seu choro desesperado, porém atendeu a primeira solicitação.

"O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI?"

Nada além de choro intercalado por intermináveis soluços e palavras inaudíveis, saliva e líquidos escorrendo por todos os orifícios visíveis. [08h10] O homem então apontou ao freezer aberto, com mãos trêmulas e vacilantes, ainda que sobre a cabeça.

O grupo aproximara do freezer. A cena de horror diante dos olhos dos personagens caiu como uma bigorna, esmagando qualquer diplomacia e anos de experiência que a profissão os inspirava.

Corpos pequeninos completos e esquartejados se encontravam ali dentro, completamente congelados como pedaços de porcos aguardando o jantar para serem preparados.

— MEU FILHO TÁ... ALI, EDUARDO, EU NÃO... POSSO... SUP. ISSO. MEU FILHO DESAPARECIDO TÁ ALI DENTRO, EU SABIA QUE ER. ESSA VELHA MALDIT... EU SABIA, EU SAB — o homem gritava desesperado, enquanto seu choro se tornava ensurdecador. O choque era gigantesco entre os quatro. Como alguém acima de qualquer suspeita poderia fazer aquilo? A onda de crianças desaparecidas e os respectivos casos sem solução se encerravam ali, no freezer horizontal da vovó Iolanda, nos seus inocentes salgados de "carne suína" e nos bolos fecais das dezenas de milhares de habitantes da cidade.

E assim, o aniversário de quatro décadas de Brilhantina do Sul se transformou em seu maior pesadelo.

PS.: Lembre-se desse conto antes de comer seu próximo salgado de origem duvidosa. #GOVEGAN

Jonathan Moreira nasceu na cidade de Jundiaí, no dia 10 de junho de 1995. Começou a escrever aos treze anos e se descobriu nesse meio. É formado em psicologia, apaixonado por música brasileira e cinema. Criador do blog Lâmpada de Porão, destinado à divulgação de seus textos e fotografias.

Hora de Caçar

Eremita Urbano



Despertei lentamente. Estava deitado em um chão de madeira, duro e frio. Sangue escorria da minha boca. Não conseguia sentir minha língua, meus dentes estavam esfarelados como torrões de açúcar. Parecia que meus braços e pernas tinham sido esmagados por um rolo compressor. Sentia-me dopado. Minha visão, ainda turva, demorou a fixar a imagem. Com muito esforço, percebi que estava em uma cabana. Sentei-me.

Diante de mim, um homem branco e atarracado, repleto de cicatrizes, amolava um facão. Havia uma bancada repleta de instrumentos de cozinha – facas, ganchos, espátulas, conchas, martelos; além de cebolas, temperos e pedaços de carne –. Em um canto, um velho fogão à lenha estava aceso. O lugar exalava um odor pútrido de morte.

— Cortei sua língua. Assim não vai poder gritar por ajuda. E mesmo

que pudesse, ninguém iria ouvi-lo. Estamos a quilômetros da civilização — disse o homem numa voz rouca e sombria.

Tentei gritar, mas saíram apenas grunhidos. O maldito havia mesmo cortado minha língua! Senti meu desespero crescendo e pensei em fugir, mas não conseguia me mover. As forças haviam me abandonado por completo.

— Já preparei sua língua, o sabor está um tanto peculiar, bem diferente de outras que já provei. Deve ter sido a mistura de temperos que apliquei. Ainda não decidi se sua carne é boa. Vou ter de preparar outras receitas, o que nos leva a isso — disse o homem, pegando um serrote.

Meu pânico aumentou. Estava diante de um canibal! A simples perspectiva de ser mutilado e devorado ainda vivo soltou minha urina, que jorrou quente por minhas calças, misturando-se ao sangue do chão, formando uma poça viscosa. Chorei.

— Ah, isso sempre acontece. Não se preocupe. Vou ser condescendente e arrancar apenas sua perna direita agora — disse o homem, agarrando o membro de forma truculenta.

Tentei reagir, chutar, mas em vão. Com movimentos precisos, lentos e ritmados, começou a me serrar. Cada vai e vem do serrote me fazia descer ao inferno em uma espiral de dor contínua. Esperava que terminasse, mas o tempo parecia ser ainda mais cruel que aquele homem, dilatando a sensação de dor ao infinito.

Senti minhas fibras musculares sendo rompidas e a dor finalmente atingiu seu ápice com a amputação. O canibal gargalhou, arrastando seu troféu pelo chão. Jogou minha perna sobre a bancada. Deitei-me novamente. O sangue não parava de jorrar pelo toco que restara de meu membro.

Ele voltou até mim e fez rapidamente uma espécie de garrote para estancar o sangue. Retornou para a bancada, assobiando em ritmo de blues. Começou a arrancar a pele de minha perna com a faca.

— Você está tão atordoado que nem lembra como veio parar aqui, não é? Pois bem, vou refrescar sua memória — disse ele, virando-se para mim — Você estava caçando, um pouco mais abaixo, nessa floresta. Então eu te capturei. Nem viu o que o atingiu. Trouxe você para cá e hoje teremos um banquete bem especial.

Conforme o canibal falava, minhas lembranças começavam a voltar. Era verdade. Estava ali, naquela floresta, para praticar, caçando alguns coelhos. O problema é que eu estava sozinho. Senti algo atingir minha cabeça e apaguei. Infelizmente, agora eu estava bem acordado e o pesadelo era real.

Prestes a ser devorado por um canibal. Nunca imaginaria que algo assim pudesse acontecer, nem nos filmes de terror que gostava de assistir com minha noiva.

— Sabe, a primeira vez que provei carne humana foi por acaso. Nunca imaginei que iria gostar — Continuou meu algoz — Em sua forma crua, a carne apresenta um sabor levemente adocicado. A primeira carne que provei veio de um homem que eu odiava. Meu pai. Matei-o a marretadas. Primeiro, provei seu sangue e gostei. Fui tomado por um impulso incontrolável e resolvi arrancar um pedaço e experimentar. Daquele dia em diante — prosseguiu — Nunca mais consegui comer outro tipo de carne. Passei então a preparar como fazia com os animais. Cozida, assada, frita e com os temperos mais variados possíveis. Descobri que, quando temperada, a carne humana tem um sabor inigualável. Com tanta disponibilidade por aí, decidi que precisava matar apenas um tipo de animal, os homens.

Um som metálico estranho de algo raspando no chão subitamente o interrompeu. Parecia vir de um lugar distante, como se estivesse em uma caverna e o ruído reverberasse em cada fenda e estalactite, antes de chegar à saída. Senti como se garras frias se encravassem no meu peito, o pavor aumentando. O ar ficou mais pesado e difícil de inspirar.

— Ouviu isso? Em breve teremos companhia. Vai ficar impressionado quando ele chegar. Estou provando sua carne justamente para saber se está boa o suficiente para ele — disse, continuando seu serviço.

Aquele homem já era cruel o bastante. Minha mente se recusava a imaginar outro monstro pior do que ele. Certamente eu não resistiria a dois deles me torturando. A morte seria um presente. No entanto, algo me dizia que eles não me concederiam esse benefício tão rápido.

Novamente os ruídos metálicos de raspar reverberaram por toda a cabana, desta vez ainda mais intensos. Sombras como tentáculos negros espalharam-se por toda a parte. Algo horrível estava vindo. Eu conseguia sentir.

Abruptamente tudo parou, como se nada tivesse acontecido. O torturador voltou a sua tarefa, dessa vez de forma mais apressada.

— Esse foi um aviso para que eu adiante o serviço. Vou terminar logo — disse, jogando pedaços de carne em fatias finas na frigideira, acompanhados de azeite e temperos.

Rapidamente o odor de carne humana frita tomou conta do ambiente. Nauseado, vomitei o que ainda restava de minha última refeição. Não

conseguia conter mais minhas lágrimas, que escorriam devagar. Jamais deveria ter pisado naquele maldito lugar. Desejava agora desmaiar e morrer de forma inconsciente. Não queria continuar sendo torturado.

— Deve estar se perguntando por que não cai desmaiado, mesmo sentindo tanta dor, não é? Isso é efeito dele, ele não vai deixar você dormir, não até que ele chegue — Seu sorriso era malévolo.

Estremeci de pavor. Aquele maldito canibal estava lendo minha mente! E toda hora falava em alguém que iria chegar. Quem estava para chegar? O que eram aqueles ruídos? E as sombras?

A resposta às minhas indagações chegou prontamente. Naquele instante, toda a cabana começou a tremer. O ruído metálico tornou-se insuportável, amplificando o efeito de microfonia de muitos aparelhos ligados simultaneamente. Sombras espessas envolveram tudo, como se um buraco negro tivesse sugado toda a luz.

O tremor parou, o ruído cessou e a cabana voltou a ficar clara como o dia. Diante de mim surgira um ser vermelho, escamoso, com cornos de bode e olhos dourados. De sua boca e narinas exalava uma fumaça espessa cheirando a enxofre. Tinha o corpo peludo e cascos fendidos nos pés. Era um demônio! Sempre havia debochado de quem acreditava nesse tipo de coisa, e agora tinha um deles bem na minha frente! Queria poder gritar, fugir, desaparecer. Mas, não tinha forças para nada. Apenas podia observar.

— Essa é a qualidade da carne que está me apresentando? — perguntou o demônio com uma voz trovejante que mais parecia a mistura de cem vozes de homens diferentes.

— Foi o que consegui, senhor — respondeu o torturador, prostrando-se de joelhos.

— Foi o que conseguiu — repetiu o demônio, em tom jocoso — A carne está contaminada! Esse homem está com câncer! Cedo ou tarde iria morrer. Você sabe que eu só como carne de qualidade e essa já está quase podre! — gritou, estremecendo tudo ao redor.

— Desculpe, eu não... — Tentou explicar o torturador, mas não conseguiu terminar a frase.

Já era tarde para impedir a fúria do demônio, que o atacou impiedosamente, esfaqueando-o com suas garras. As paredes da cabana ficaram tingidas de vermelho tinto com o sangue derramado. Assisti a tudo aquilo de forma quase catatônica. Sentia minha consciência se esvaindo.

— Sempre foi um péssimo servo! — reclamou o demônio, voltando-

se lentamente na minha direção — Agora vou dar um jeito em você!

Esticou sua mão reptiliana e me atingiu em cheio. Bati a cabeça no chão, o mundo girou e eu apaguei.

Não sei quanto tempo permaneci desacordado. Mas, quando despertei, percebi imediatamente que alguma coisa estava errada. Minha língua e minha perna estavam de volta. Não! Não eram meus membros! Eram os membros do torturador, que haviam sido costurados em meu corpo!

— Já é noite, meu servo! — disse o demônio, abrindo a porta da cabana — A caçada se aproxima. Vá e não me decepcione.

Uma fome incontável e um desejo arrebatador por carne humana apossaram-se de mim. Sentia a ferocidade pulsando nas minhas veias. Era hora de caçar.

O autor é biólogo e professor de Biologia. Apaixonado por literatura, animações e jogos de tabuleiro, encontra na arte seu refúgio e ponto de equilíbrio. Escreve contos como forma de expressar sua criatividade, numa busca incessante pelo intangível.

Noite Branca

Raphel Lopes



Ainda é noite, pelo que percebo, embora a névoa densa que adeja entre nós frustre minha percepção. Ademais, não importa o tempo. Escrevo para manter minha lucidez. Não sei quantas horas se passaram desde meu desafortunado desfecho, apenas espero. Meu ferimento ainda dói e as compressas que fiz se mostraram ineficientes. Tenho pedaços de pano por todo meu abdômen; pedaços antes puídos, sem cor, agora rubros e mal cheirosos. Respiro o mais baixo possível para não ser notado, sendo o arranhar dessas letras o mais alto tom o qual desejo proferir. Sob as luzes do deque principal, filtradas pelas ranhuras apodrecidas acima de mim, encontro luminosidade o bastante para escrever e distinguir vultos ao meu redor.

Ouçõ passos acima, que fazem ruir pequenos poros de existência dessa velha embarcação; alguns arrastados, fúnebres; outros inquisidores, que

me causam arrepios e me fazem encolher junto aos barris de pólvora aos quais me encosto. O cheiro fétido não me desagrade mais, tendo se tornado mais um companheiro nesse porão de incertezas. O vai e vêm do mar me mantém acordado, embora há muito deixei de distinguir entre o mundo dos sonhos e os pesadelos que tenho presenciado desde a noite passada.

Conto minha história não pelos créditos da vida ou sequer pelo perdão implícito, mas para que sirva de aviso aos próximos que certamente virão.

Em meados de 1818, saí em busca de emprego nas grandes embarcações ao sul do Brasil. Trazia cá minha esposa e desejo de melhores tempos. Moramos em becos escuros e úmidos, cortiços pequenos e baixos, e finalmente em pequenos vilarejos, onde por fim conseguimos ter um sopro de civilidade. Uma pequena porção de terra nos permitiu plantar e colher nosso sustento, enquanto eu não arrumasse uma ocupação tributada nas docas da região. Ainda naquele ano consegui a posição de repositor de velas, trabalhando nos entremeios das viagens nos cais. Minha esposa, sem parentes ou conhecidos, continuava seu trabalho caseiro e cuidava das pequenas plantações.

Certa feita, em uma tarde sem expediente, um senhor tocou nossa porta, com batida imponente, ofertando à minha esposa uma vaga na mansão de um fidalgo local. Ela correu os olhos pelo cômodo, esperando minha anuência, mas eu pude ver neles, ainda que baixos e imprecisos, o desejo de melhorias. Aceitar aquela posição poderia nos aproximar de desejos terrenos, mas certamente era prólogo de um abismo a se abrir entre nós.

De todas as decisões que já tomei, aquela foi a que eu gostaria de anular. Com o aceite, ela se mudou para os fundos da mansão, onde um quarto estreito e quieto a guarnecia com uma cama e algumas moedas de prata por semana. Eu adiantei meus serviços no porto e, ao fim da semana, conseguíamos estar juntos em nossa casa. Por falta de tempo e atenção, aos poucos nossa pequena plantação foi morrendo, deixando pequenos caules escuros e mal cheirosos à vista. Não me importei com aquele que poderia ser o presságio de tempos vindouros. Com os pagamentos em dia das docas e as moedas de prata do fidalgo, conseguíamos comprar nossos alimentos e ainda sobrava para uma reserva de emergência.

Em um desses fins de semana, notamos que algo novo crescia entre nós. Com sua mudança física e demasiados enjoos que ela relatava, um de nossos sonhos distantes estava se tornando fronteiroço.

Os finais de semana foram ficando longes demais e pedi que ela

deixasse a função na mansão ainda antes do nascimento, já que tínhamos o suficiente para recomeçar a plantação e nos mantermos pelo fim do ano apenas com meu sustento que vinha das docas. Ela sorriu antes de deixar a casa, embalada com nossos planos próximos para a nova lavoura, o nascimento do nosso primogênito e a redescoberta de antigos sonhos juntos.

Foi-se então para a mansão do fidalgo iniciar sua última semana de servidão, a fim de declarar sua despedida e recolher seus poucos pertences. Uma carta chegou em minhas mãos dias depois, com as letras redondas dela, informando que teria que ficar mais uns dias por lá, para que o fidalgo pudesse encontrar alguém que a substitui-se e enfim ela estivesse livre para que nós dois – agora três – pudéssemos dar continuidade à gravidez. Acompanhada à carta algumas moedas de prata me caíram ao colo.

Noites e mais noites depois, em meio a uma tempestade no litoral, onde nosso pequeno lar receava sob os fortes ventos, cavalos irromperam em nossa plantação, com seus relinchos furiosos investidos naquela maldita noite. Antes que pudesse me encontrar naquele momento, os ouvi bater os cascos para longe de mim e um murmúrio fraco vindo porta adentro. Abri-a, com o coração receando os piores presságios. Sob meus olhos, com o vestido violado pela chuva e a lama, lá estava ela, os olhos prostrados, tentando com os frágeis braços se colocar de pé. Ao longe, os cavalos não eram mais distinguíveis sob o véu da noite.

Já em nossa cama, despida de seus trajes, tratei de lhe limpar, ao menos o rosto e os ferimentos superficiais. A raiva me subiu aos olhos, injetando todo o desespero que eu pudesse um dia suportar. Minhas mãos tremiam ao tocá-la, sabendo que um dia aquela pele pálida estivera ali, intocável, sob minha proteção e que agora havia sido violada, longe de meus olhos e da minha consciência. Ela murmurava palavras desconexas, trazendo a mão débil ao ventre, o rosto contorcido pelas dores que a acometiam, os gritos abafados pela tempestade que ainda se impunha lá fora.

Aos passos pelo pequeno cômodo, doía-me a inutilidade. Vê-la ali, inerte, com a vida do nosso filho desperdiçada entre as pernas, os olhos vítreos ainda em súplica silente, fez com que nascesse algo em mim que eu nunca sentira antes. Não coloco como motivo, mas a saber que aquele momento foi definitivo para que eu rumasse dali em direção ao norte e sabia que nem Deus ou aquela chuva infernal poderiam ficar em meu caminho.

Cheguei à mansão com a roupa colada ao corpo, os braços levemente tremendo, mas o olhar fixo no andar superior, onde uma luz opaca reluzia no

quarto. O bramir dos ventos contra as janelas e os guinchos dos cavalos na baía tornaram a minha presença imperceptível. Meus passos sujos ficaram marcados nos tapetes das escadas. Minha mão, quase dormente pela constante pressão em torno do punhal, estava firme ao lado do meu corpo. A porta ao fim do corredor abriu com um leve toque dos meus dedos, seu guincho mal podendo ser ouvido pela chuva que caía contra os amplos vitrais que ladeavam todo o quarto e convidavam a noite para dentro.

Em uma enorme cama e entre grossas mantas estava o fidalgo, em sono profundo. Seus olhos se alertaram quando eu o surpreendi, minha mão esquerda afundando sua face nos travesseiros enquanto a direita ia fundo em sua pele clara e flácida. Não sei ao certo quantas estocadas desferi, mas os gritos dele cessaram logo, e então era só eu e minhas punhaladas insones, ritmadas pelo cair da chuva lá fora, o sangue espesso e as vísceras em minhas mãos e braços, meu corpo todo tremendo, os olhos ainda fixos naquele rosto agora retalhado e inerte.

Saí daquele quarto ainda abalado, com o corpo frio pela chuva, a ira e a vingança subindo e descendo por minhas veias. Já na porta, não me importando com nada mais nessa terra, ouvi os guardas em meu encalço. Luzes apareceram e um galopar certo vinha em minha direção. Corri por entre o bosque, por instinto, usando os densos troncos como proteção, enquanto uma saraivada de flechas era investida contra mim. Senti algo se fixar em minhas costas, atravessando meu abdômen, a ponta enferrujada se alojando acima da minha cintura.

Corri, com a mão cobrindo o ferimento, até que não mais pude ouvir os cascos atrás de mim. A doca, meu local de sustento e de esperança, mais uma vez apareceu em meu auxílio. Um navio cargueiro acabara de ser carregado e estava de saída, aproveitando-se do intervalo da tempestade. Esgueirei-me pelas sombras que só quem trabalha noite e dia nesses gigantes do mar pode conhecer. Alojei-me ao fundo do compartimento de pólvora e esperei, onde cá estou até o momento.

Não tenho para onde nem para o que voltar. Ainda que eu sangue até minha última gota nesse convés pútrido, não me arrependo de nenhuma estocada naquele que conseguiu destruir, em uma só noite, todos os meus sonhos.

Contei minha história para provar minha sanidade, mas a verdade é que eu, neste momento, a questiono. Entre os vultos e sussurros que chegam até mim, juro que encontrei uma mulher de pele pálida, cabelos compridos e

louros, embora sujos e opacos. Percebi o olhar materno, mesmo naquelas fundas órbitas sem vida. Reconheci vozes aqui que não mais deveria ouvir em vida. As súplicas que ecoam por todos estes cômodos não me deixam descansar. Entre as fendas da embarcação, não vejo destino a nossa frente, se não a névoa que eclipsa a tudo e a todos, deixando até mesmo a noite branca.

A vingança me guiou por entre a forte tempestade e a noite densa; dirigiu minhas investidas contra a carne insossa do fidalgo; banhou meus braços em carmim, queimando minha pele e eternizando-a em rubro; deu-me energia para ir até o fim, mas ao próximo passo abandonou-me em uma velha embarcação, junto às vigas instáveis e podres. Não mais posso distinguir o sangue de minha amada do meu alçôz em minha pele; a chuva não pôde purificar-me e, acredito, nada um dia irá.

Julguei – embora em meu transtorno sequer tenha refletido sobre algo – que ao menos, em minhas lembranças distantes e cordiais, pudesse residir em refúgio, repudiando meu estado físico atual e pedindo asilo aos momentos pretéritos. Mas ao fechar dos meus olhos ou a simples súplica de uma memória, os sussurros dessa inclemente embarcação toma meu juízo, gastando as últimas energias que julgo ter.

Aos herdeiros da vingança, anuncio que, caso queiram o mesmo destino que o meu, continuem a enxergar sob as lentes vermelhas do seu atual juízo. Nesse mar branco de desolação, não encontrei nada, se não meu passado e presente em vertiginosa decomposição.

Autor de contos e crônicas, o mineiro Raphael Lopes busca nas temáticas de horror e terror se aprofundar na mente humana e traduzir em linhas e palavras o que há de mais obscuro em sua natureza. Autor do conto O Funeral, publicado na Antologia O que há nas Sombras.

O Festival

Marcus Vinicius Rocha



Carta do Senhor Wilson da Cruz para sua Esposa Elizabeth da Cruz

2 de abril de 1968

Minha Betty:

Peço desculpas por ter demorado tanto para escrever esta carta. As férias com o Senhor Alberto Montenegro estão sendo incríveis e mal paramos em casa para descansar. Você precisa ver este lugar, Betty. É um pequeno povoado com gente humilde, mas é tudo muito bonito. Nada é melhor para um homem cansado do trabalho, como eu, do que trocar a vida agitada das

grandes cidades pela quietude e paz das zonas rurais. Fico contente que meu amigo tenha me convidado para passar um tempo em sua maravilhosa fazenda.

Passei semanas andando a cavalo, praticando minha pescaria e jogando xadrez com o pessoal da comunidade. O povo aqui é bastante unido e praticamente todos se conhecem. Fui recebido de braços abertos pela comunidade que fizera questão de me incluir em todas as diversões que o pequeno lugar poderia oferecer. As mulheres daqui são duras trabalhadoras, que levantam cedo todas as manhãs para ajudar os maridos nas colheitas e nos serviços pesados das fazendas. As crianças passam o dia inteiro brincando de esconde-esconde pelo extenso milharal. Acabei até brincando algumas vezes com elas (você ria de mim ao ver o quanto foi patético ver um velho brincando de esconde-esconde).

Recentemente fui convidado para participar do festival local. Quando questionei a Alberto sobre do que se tratava ele foi muito evasivo e pouco me informou. Disse-me apenas que eu era um convidado de honra e que todos aqui na cidade ficariam encantados se eu participasse. Apesar de tudo, você sabe como eu sou, Betty, não recuso uma boa festa. Aceitei ao convite de bom grado e lhe disse que ficaria muito feliz em presenciar os costumes e ritos locais.

Ao anoitecer do décimo terceiro dia deste mês deveremos subir a colina mais próxima (um local onde podemos ver todo o vilarejo) e começar os preparativos para a grande festa.

Por hoje acho que é tudo que tenho para lhe relatar. Espero que você e minhas pequenas crianças estejam bem aí, sinto muitas saudades de todos vocês e espero voltar logo no próximo mês. Mandarei outra carta na próxima semana.

PS: Eu sei que me pediu para ir às missas todos os domingos, mas eu procurei e não encontrei nenhuma igreja em todo povoado.

Trecho do Diário de Wilson da Cruz

12 de abril de 1968

Não é de minha natureza questionar o comportamento humano, mas é algo natural meu perceber quando alguma coisa está errada. Meus primeiros dias nesse lugar foram realmente incríveis. Eu estava tão empenhado em

aproveitar minhas férias que não me atentei a certos detalhes estranhos que ocorrem aqui. Parece loucura o que vou escrever, mas o que mais me incomoda nesse lugar é, em falta de termo melhor, a felicidade. Essa emoção tão característica humana e tão aflorada em nossos melhores momentos soa-me estranha aqui. Aliás, tudo neste povoado parece falso e artificial. Sou de um mundo onde todos vivem em uma paisagem cinza, um mundo onde bondade e maldade se mesclam de forma natural ao nosso cotidiano. É inconcebível para mim que existam pessoas tão boas e inocentes. Sinto-me olhando para um quadro perfeito onde existe significado oculto em toda aquela arte. Será que tem algo que não estou vendo? Ou simplesmente sou um velho paranoico? Espero que seja apenas alucinação minha.

O fato de não haver uma igreja também despertou minha atenção. Quando questionei a meu amigo Alberto sobre isso ele me disse que o pequeno templo que havia na comunidade foi consumido pelo fogo. Pelos relatos que me passou o padre local estava caindo aos poços profundos da loucura e que certa noite acabou colocando fogo na igreja e queimando junto com o lugar. Em um dos últimos passeios que tive pela comunidade acabei encontrando a ruína do que sobrara do santuário. Os restos do monumento continuavam no local, uma lembrança viva do acontecimento.

Nos últimos dias Alberto tem aparecido cada vez menos em sua mansão. Quando tento conversar com ele, sempre parece distante, perdido em pensamentos. Parece amargurado com algo. O evento mais estranho aconteceu ontem quando estava em sua biblioteca. Enquanto folheava alguns livros encontrei uma coleção de exemplares de cor preta. Ao abri-los descobri figuras de criaturas inimagináveis, cheios de palavras em uma linguagem desconhecida. Ao me ver ali meu amigo berrou como um louco e tirou os livros de minhas mãos. Seu comportamento era histérico e ele tremia.

Depois do ocorrido ele veio e me pediu desculpas, mas em nenhum momento me explicou seu estranho procedimento.

Informei-o ontem que pretendia voltar mais cedo para casa, pois estou morrendo de saudade de minha família. Ele pareceu triste, mas foi bastante compreensivo. Pediu-me que fosse após o festival, pois esperavam que eu comparecesse ao evento.

Trecho do Diário do policial Diego Sales

Lembro-me de poucas coisas daquela noite. A grande parte acredito

que minha mente bloqueou. Não suportaria reviver os horrores do que aconteceu naquela vila, minha cabeça não aguentaria tanta loucura. Tudo parece distante, um pesadelo louco que aconteceu em um canto obscuro da minha consciência. No fundo eu sei que foi real. Deitado nessa cama de hospital minha mente vaga em fragmentos, mas meu nariz não consegue me fazer esquecer aquele cheiro.

“Carne Humana”

Trabalhando como policial acreditava que estaria pronto para qualquer situação que aparecesse. Dia a dia somos confrontados com as maluquices que o ser humano é capaz de realizar. Já prendi todo tipo de gente na delegacia local, desde assassinos até estupradores. Com o tempo você vai perdendo fé na humanidade, nada te surpreende... Mas eu estava enganado.

Tivemos o chamado ao anoitecer do décimo terceiro dia de abril. O delegado foi vago nos detalhes, mas era perceptível seu nervosismo, estava suando frio e sua mente parecia ainda processar a informação. Era evidente que a situação era mais complicada do que aparentava, mas ao abrir a boca ele resumiu tudo em apenas um mero caso de assassinato na vila próxima.

Recebemos nossas ordens e nos preparamos para partir. Liguei para minha esposa Marta e avisei que chegaria tarde em casa. Ela foi compreensiva como sempre, disse que me esperaria acordada. Assim que desliguei o telefone corri para a viatura de polícia onde meu colega Antônio já me esperava com o carro ligado para partir. No banco de trás dois policiais novatos iam conosco para dar suporte. Os dois estavam apreensivos, era a primeira vez que iam a uma cena de crime.

O trajeto para a vila foi tranquilo, uma pequena viagem de dez quilômetros que aproveitamos para discutir os cotidianos da vida e distrair um pouco nossa mente.

Ao chegar na entrada da vila tudo mudou. A atmosfera do lugar era sombria, mas o que mais me assustava era o silêncio do local. Saímos do veículo e pegamos nossas armas. Alguma coisa estava errada naquele lugar, estava tudo muito quieto. Não havia ninguém no portão à nossa espera. Ao entrarmos no pequeno vilarejo vimos que todas as casas estavam com as luzes apagadas.

Um dos novatos (acho que seu nome era José) foi o primeiro a ver o ponto de luz no alto da colina. Ele exclamou: “Olhem, tem fogo no topo”. Ao virar meu rosto vi que ele estava certo. Alguma coisa estranha estava acontecendo naquele local. Mande os dois ficarem ali de vigia e subi com

Antônio para verificar a situação. Foi nesse momento que toda a maluquice dessa noite começou.

Ao chegarmos no local nos deparamos com o que parecia ser um pequeno festival preparado às pressas. Havia barracas e mesas no gramado, mas nenhuma delas estava ocupada. Havia também um palco e esse é o ponto principal dessa bizarrice toda. Vinte pessoas faziam frente a esse palco, todas elas usavam capuz preto. No tablado um homem estava preso a um poste. Ele gritava de agonia. Seu corpo estava em chamas e diante dele a procissão orava em uníssono palavras incompreensíveis. Infelizmente o pior não parou por aí. Das sombras, uma figura enorme surgiu. Sua aparência era difícil de distinguir naquela escuridão, mas a criatura possuía muitos olhos e tentáculos que balançavam de seu corpo inchado. A figura se aproximou do palco e arrastou a pessoa em chamas para a escuridão da mata.

Foi nesse momento que apaguei. Fiquei sabendo mais tarde que reforços chegaram ao local e prenderam todos os envolvidos do culto. Os demais policiais que estavam comigo também estão no hospital e infelizmente sinto que o destino deles será o manicômio. Enquanto isso eu me agarro ao fiapo de realidade que me resta. Escrevo tudo aqui porque preciso esvaziar minha mente. Existem coisas que o ser humano não está preparado ainda para saber.

O autor Marcus Vinicius Rocha Torres tem 28 anos e possui uma paixão pela leitura. É um leitor compulsivo e adorador de diversos gêneros, principalmente o de terror. Sempre quis escrever contos que abordam o lado obscuro da natureza humana e que mexam com o psicológico do leitor, mostrando que os verdadeiros monstros que existem somos nós.

Eu Vim Te Buscar

Rangel Elesbão



Elmerville – 1965

Francine Folmer era casada com Herbert e mãe de Clint; um adolescente que queria ser independente a qualquer preço. Levava uma vida tranquila e sem grandes preocupações, com exceção, é claro, dos acessos de rebeldia do seu filho. Contudo, ainda assim se sentia feliz.

Mas tudo aconteceu tão rápido, que ela não conseguia raciocinar direito. Seu mundo começou a ruir.

Durante uma manhã de verão, teve sua primeira grande decepção quando Herbert entrou em casa aos prantos.

— O que faz tão cedo em casa? — quis saber.

— Fui demitido do Banco! — disse, finalmente.
— Por que fizeram isso com você?
— Me trataram como um cachorro!
— Deve haver alguma explicação... Que motivos teriam para demitilo? Você trabalha lá há mais de dez anos!
Herbert começou a chorar novamente.
— Descobriram!
O rosto de Francine avermelhou.
— O quê? — perguntou, curiosa.
— Analisaram os livros contábeis... Descobriram que eu desviava grandes quantias de dinheiro... Nunca deixei vestígios. Mas agora fui pego!
E então, caiu num choro copioso.
— Desgraça! — ela gritou — Não posso acreditar... O meu marido, que eu julgava tão honesto... Desfalcando o próprio lugar onde trabalhava!
Um vapor imperceptível penetrava pelas frestas da janela, escuro como uma fumaça negra, espalhando-se pela sala e por todos os cômodos.
— Como acha que nos mantemos esse tempo todo? Apenas com o meu mísero salário?
— Seu escroto! — ela gritou, esbofeteando seu rosto com ambas as mãos. — Ladrão! Eu seria capaz de colocar minhas mãos no fogo por você!

Nos dias seguintes, Herbert foi obrigado a devolver o montante desviado, em troca de continuar livre. Era um acordo de cavalheiros entre os auditores do banco e ele. Poderia escolher, devolvia o dinheiro ou seria denunciado e preso.

Herbert procurava novas oportunidades de emprego, mas não lhe davam atenção alguma.

Num belo dia de sol, Francine estava na cozinha cortando um pernil de carneiro para o almoço, quando a faca que usava deslizou e cortou seu polegar.

Devido ao corte profundo, precisou ser suturada. Mas as dores não passavam, as bolhas de sangue e pus se formavam, pulsando febrilmente. Os cuidados não adiantavam e devido a uma infecção grave, teve que amputá-lo.

Dois dias depois da amputação, ela recebeu uma ligação do pronto socorro.

Clint havia se acidentado com o carro, destruiu um muro de concreto e fraturou o braço.

— Desgraça! — ela disse à sua amiga Sonya — Caímos em desgraça!

— Não diga isso! — disse Sonya, fazendo o sinal da cruz — Não chame que *ela* vem.

Uma nuvem de fumaça negra balançou as cortinas na janela.

— Não há outra explicação. Primeiro Herbert perde o emprego, descubro que ele roubava o banco... Depois, tenho que amputar um dedo, o acidente de Clint... Sonya, que desgraça ainda pode acontecer?

— Não repita isso! — gritou a outra — Ela pode vir te buscar!

Na mesma tarde, Francine encontrou uma camisa de Herbert com marcas de batom.

Furiosa, decidiu investigar. Não faria escândalos, por mais difícil que isso parecesse.

Durante dias o seguiu por todos os lugares até o ver beijando uma mulher numa praça escura.

Ficou observando, até que eles entraram numa casa, logo ao lado.

Na semana seguinte, o encontrou novamente com a amante e descobriu se chamar Tara Renson.

Dessa vez, ela foi ao ataque. Esperou Herbert sair e bateu na porta. Quando a mulher abriu, avançou sobre ela, puxou seu cabelo e a levou até a rua.

Tara caiu no chão com a força do tapa desferido por Francine.

A esposa traída subiu e sentou sobre sua rival. Colocou suas pernas em cima dos braços dela, a imobilizando. Quem as via brigando, tinha a impressão de que estavam imersas num tipo de neblina escura.

—Você vai ver o que acontece com quem não tem caráter! — disse Francine.

Tara gritava por socorro, tentando escapar inutilmente, pois a outra era forte e pesada.

As pessoas se aproximavam para ver a confusão e gritavam incentivando-as a lutar, como se estivessem numa arena.

Esperta, Francine olhou para os seus anéis, com pequenas pedras incrustadas e artefatos de metais retorcidos. Virou-os para baixo e começou a estapear o rosto da mulher que subjugava, com toda a sua força.

Os metais e as pedras dos anéis cravavam e rasgavam a pele, lacerando suas têmporas cobertas de pó de arroz e fazendo escorrer sangue.

— Socorro! Alguém me ajude! — gritou Tara.

— Vadia! — gritou uma senhora comendo uma rosca Donuts de creme, parada na calçada.

Francine segurou Tara pelos cabelos e batia com o rosto dela na calçada.

Policiais apareceram entre a multidão que assistia a briga e separaram as duas.

Francine, que era puxada por um policial, olhou para Tara tentando colocar-se de pé, amparada pelo outro policial. Deu um sorriso no canto dos seus lábios e delicadamente ajeitou uma mecha de cabelo em seu rosto.

Tara cambaleava enquanto levantava. Fiapos de sangue e baba escorriam dos cantos da sua boca. Ela cuspiu uma nódoa escura e viscosa no chão, onde jazia um dente quebrado.

Em sua casa, jogou as roupas de Herbert na lareira e mais tarde, o colocou para fora de casa.

No dia seguinte, recebeu a notificação de que a casa havia sido hipotecada. Precisava pagar para não ser despejada, pois Herbert havia dado como garantia ao banco em que havia roubado.

— Mas que desgraça! — gritou — Ele deu a casa porque não tinha como devolver ao banco o que roubou! Se eu encontrá-lo, o mato!

— Deixe comigo, mãe... — disse Clint — Vou encontrar ele e forçar a tomar alguma atitude!

Francine se assustou. Clint estava muito nervoso. Tinha medo do que ele poderia fazer.

Clint Folmer correu até a garagem e pegou seu carro, um *Mustang* 1965 branco com tarjas azul-marinho em seu capô, dirigindo enlouquecido. O ódio lhe dominava naquele instante.

— Maldito! Ele não podia ter feito isso! — disse, dando um soco no volante, ao mesmo tempo em que pisava fundo no acelerador, correndo em ziguezague.

O *Mustang* voava sobre o asfalto. Dirigia habilmente com uma mão, seu outro braço ainda estava engessado devido à fratura no acidente anterior.

— Não vamos perder nossa casa por culpa dele! Tudo o que vem ocorrendo nesses últimos tempos... Que fase infernal na nossa vida! Uma desgraça atrás da outra! Uma desgraça atrás...

Nesse momento ele parou de falar abrupto. O carro havia penetrado numa neblina escura, espessa, impedindo a visão dos outros carros. Sua voz desapareceu. Seus olhos se arregalaram quando olhou no espelho retrovisor e viu *aquilo*. Sentiu o cheiro de ovo podre dentro do carro e gritou. Algo estava atrás dele...

Clint perdeu o controle do carro e invadiu a pista contrária. Foi de encontro a um caminhão carregando enormes toras de madeira.

A colisão foi inevitável. O carro foi esmagado e ele morreu preso entre as ferragens. Algumas pessoas ouviram seus gritos entre os destroços enquanto o carro queimava, minutos antes de explodir.

Francine recebeu a notícia da morte do seu filho por telefone. Sua amiga Sonya passava pelo local e havia reconhecido a placa do *Mustang*.

O inferno na vida de Francine estava completo. Ficou desesperada e dias depois caiu em depressão. Ficou dois meses internada em um hospital, sob assistência psiquiátrica.

Nesse tempo, Herbert, lépido em meio aos seus desfalques. Arranjou outra amante. Era Sonya Fraser, a dedicada amiga de Francine.

Logo que saiu do hospital, Francine alugou um pequeno apartamento, próximo à estação do trem. Um lugar calmo e vazio, onde fazia suas caminhadas nos fins de tarde, ao voltar do trabalho.

Poucos dias depois de se mudar, foi demitida. Deprimida, ligou para a sua amiga e desabafou.

— Não sei mais o que faço Sonya! Tudo está dando errado para mim. Sonya suspirou.

— As coisas simplesmente acontecem... — disse ela — É uma péssima fase, logo passa... Você ainda tem a mim, que sou sua amiga. A adoro e jamais faria algo para magoá-la...

— Minha amiga querida! Minha vida é uma desgraça que só vendo...

— Não fale isso! — gritou Sonya — Não fale esse nome!

— Falo, sim! *Desgraça*! — gritou Francine.

De repente a lâmpada piscou duas vezes e depois estourou.

No dia seguinte, pouco depois de anoitecer, ela pegou o carro e dirigiu pela estrada, na saída da cidade.

Apressada, corria demais pelo asfalto, onde a lua começava a surgir timidamente no horizonte.

Apertou o freio e, para a sua surpresa, ele não funcionou.

Havia um vapor negro se formando dentro do carro, pouco mais denso que a fumaça de um cigarro. Emanava e se espalhava, aumentando sua espessura.

— O que está acontecendo? — perguntou-se, pisando no pedal. — O freio sempre funcionou...

Ao longe, avistou uma enorme curva, fechada e perigosa.

— Não pode ser! *Desgraça!*

Francine berrou ao olhar no espelho retrovisor. Havia um gás negro adquirindo uma forma densa, se agrupando e compondo uma estranha forma humanoide sobre o banco traseiro. Os olhos pareciam bolas de fogo iluminando o sorriso macabro e esquelético *daquilo*.

Não conseguia desviar o olhar do espelho. Precisava fazer a curva, mas não sabia o que fazer.

A criatura no banco de trás se aproximou, falando ao pé do seu ouvido.

— Sabe quem sou eu? — A voz do demônio parecia um ronco. Algo semelhante a uma membrana pulsava no rosto, fazendo o trabalho de uma pele. Vestia alguma coisa como uma bata e um véu transparente, que deixava ver vagamente sua aparência pútrida se movendo sob ele.

Ela enjoou com o cheiro de ovo podre, exalado pelas mandíbulas da criatura. Cheiro de enxofre.

O Ser cadavérico gargalhou.

— Eu sou a Desgraça! — disse o demônio, colocando sua mão gélida no ombro de Francine — De tanto me chamar, seus pensamentos se ligaram aos meus. Agora eu vim te buscar!

Ao dizer isso, as portas do carro se travaram. O pedal do acelerador caiu até o fundo, disparando pela estrada.

O demônio da Desgraça escorregou sua massa vaporosa sobre o banco, refazendo sua feição humanóide. Entrelaçando seus braços sobre ela, e aderindo ao seu corpo.

O carro bateu no *guardrail* e rolou nas rochas até explodir.

O corpo de Francine, que deveria estar preso entre as ferragens do veículo carbonizado, não foi localizado pelos policiais.

Gaúcho de Cachoeira do Sul (RS), escreve desde os treze anos e não dispensa um bom chimarrão durante as leituras. Suas influências são Stephen King e Clive Barker, passando por Hitchcock e Tarantino. Fã dos filmes de Dario Argento e Lucio Fulci, adora os livros de Agatha Christie e Edgar Allan Poe. Participa de antologias com seus contos macabros desde 2016.

Hereditário

Rodrigo Chiozi



O Baile de Gala era o evento mais importante no calendário do Clube de Campo de Jundiaí. Manoel sabia que a ausência do herdeiro da família Bibiano dos Prados seria sentida e comentada enquanto ele não chegasse à festa. E também sabia que o momento de sua chegada deveria ser arrebatador. O homem alto e forte vestiu o terno feito sob medida, ajeitou o topete de forma milimétrica e usou o seu perfume mais marcante. Queria que se referissem à ele após a festa como o novo solteiro mais cobiçado da cidade.

Programou-se para chegar às 21h, horário em que todos os fotógrafos, colunistas, blogueiros e fofoqueiros de plantão já estivessem presentes, e a sua chegada sem a presença da ex-noiva teria o destaque e a repercussão que ele desejava. Não iria perder tempo, partiria logo à caça de sua próxima vítima.

Quando passou pelo tapete vermelho na entrada da festa, esbanjou simpatia, posou para fotos, acenou e sorriu, mas sem responder à nenhuma das questões que envolviam o término repentino e a mudança de cidade da garota.

A iluminação do salão estava amena, ajustada para que as luzes de leds nos lustres de cristal parecessem velas, dando um clima intimista e sofisticado. Tudo isso embalado ao som do tradicional grupo “Velhos Bandeirantes”.

O local onde o clube fora construído fizera parte da fazenda da família outrora, e ainda ostentava uma placa de bronze em agradecimento pela doação do terreno, datada de mais de cento e cinquenta anos. Talvez essa ligação hereditária com o lugar ajudasse, mas o certo era que Manoel desfilava com desenvoltura entre os figurões da alta sociedade, acostumado às formalidades desde criança. E quando seus pais morreram em um acidente anos atrás, coube a ele ser o representante da tradicional família que descende de um dos fundadores da cidade, visto que era o único herdeiro.

As horas passavam rapidamente nesses eventos, entre antigos colegas de colégio, políticos, empresários consolidados e alpinistas sociais. Ele fez seu show, distribuindo abraços, apertos de mão e mais poses para fotos, algumas vezes com pessoas que mal conhecia, outras pelas quais não nutria nenhuma simpatia. Ossos do ofício, mas foi em um desses momentos que ele a viu pela primeira vez.

Manoel teve a certeza de que aquela garota não era da cidade. Ele a teria notado antes se ela frequentasse as festas no clube, uma beleza daquelas não passaria despercebida. Ela estava elegante, usava jóias discretas e um vestido longo com uma abertura no lado direito que valorizava suas pernas, sem decote frontal e com as costas quase que totalmente expostas. Tudo nela lhe chamou a atenção. Os olhos azuis brilhantes que vistos de longe pareciam safiras, o corpo atlético de quase um metro e oitenta de altura, os cabelos negros presos por um coque, os ângulos do rosto, o queixo fino, o nariz delicado, a boca marcante, a postura perfeita.

Sentiu-se atraído por ela de uma forma como nunca se sentira antes por outra mulher. Ele a observou, até que em um momento ela começou a conversar com Lisandro, o vereador mais votado nas últimas eleições, famoso por ser líder de uma ONG de proteção aos animais, e por sorte, um amigo pessoal desde a época em que frequentaram a mesma universidade. Era a brecha que Manoel precisava para se aproximar de forma sutil.

— Meu amigo Lisandro, que prazer vê-lo aqui. — Manoel se aproximou e abraçou o homem pela lateral, colocando a mão em seu ombro.

— Meu caro Manoel, que satisfação! — Lisandro respondeu com simpatia, retribuindo ao abraço.

— Como vão as coisas na Câmara? — Manoel quis saber.

— Uma verdadeira luta, como sempre. E se já não bastassem os problemas da cidade, ainda temos que lidar com os políticos religiosos tentando emplacar leis retrógradas para legitimar seus abusos.

— De onde venho, guerras já foram causadas por muito menos — A garota com um leve sotaque entrou no assunto.

— E quem é a senhorita? — Manoel perguntou, estendendo a mão na direção dela.

— Bela Sjenavranaić — respondeu, dando a mão ao cumprimento dele, que a beijou, galanteando.

— Encantado. Sou Manoel...

— Bibiano dos Prados. Eu sei — ela interrompeu a apresentação dele e recolheu o braço.

— A senhorita Bela estava me contando que nasceu na região da península balcânica — Lisandro explicou.

— Fascinante — disse Manoel. — De que país exatamente?

— Do país que hoje é conhecido como Croácia — ela afirmou. — Mas faz muito tempo que não visito minha terra natal.

— E como aprendeu a falar tão bem a nossa língua? — quis saber Lisandro.

— É uma longa história — ela disse.

— Conte-nos, por favor — Manoel insistiu.

— Bem, alguns de meus antepassados estavam ligados aos nobres daquela região desde a idade média. E com o crescimento dos conflitos por poder, meus pais me mandaram ainda criança para a Alemanha. Eu viajei por toda a Europa e vivi muitos anos em Portugal. Isso é uma das poucas coisas que carrego comigo desde a partida. — Ela mostra o bracelete de ouro com a imagem de um corvo.

— Linda jóia — Lisandro elogiou.

— Uma relíquia histórica na verdade. — Bela continuou. — Esse corvo é o brasão de minha família.

— Adoraria ouvir toda a história de sua família. Quem sabe em um jantar? Ou no café da manhã? — Manoel insinuou.

— Não é à toa que o brasão da sua família é um caçador — ela respondeu. — Quem sabe em outra ocasião.

— Estou curioso sobre isso. Como sabe tanto sobre mim? — Manoel perguntou.

— Gosto de me informar sobre as pessoas interessantes em uma cidade onde pretendo me estabelecer — ela disse.

— Então pretende ficar mais tempo em nossa cidade? — Lisandro indagou.

— Se tudo ocorrer como eu espero, sim. Foi um prazer conhecê-los, senhores — ela finalizou e saiu, deixando os amigos se entreolhando.

— Pessoas interessantes — Lisandro disse enquanto a observava ir.

Manoel deu um tapinha no ombro de seu amigo Lisandro e resolveu que era hora de voltar para casa, mesmo estando frustrado por não levar consigo a garota por quem havia ficado encantado. Ele dispensou os seguranças e criados, e como não havia conseguido a mulher que lhe chamou a atenção, preferia ficar só.

A mansão onde morava ficava numa área distante da cidade, no alto de uma colina e cercado pela natureza. Pensou que ali teria a paz de que precisava, mas foi surpreendido ao entrar em seu quarto e encontrar Bela.

— Como você chegou aqui? — Manoel perguntou, ainda confuso com a presença dela, e ao mesmo tempo boquiaberto ao vê-la totalmente nua à luz da lua cheia.

Ela apenas sorriu e foi em sua direção. Logo estando com os braços entrelaçados em volta do pescoço dele. Beijavam-se enquanto ele tirava as roupas. Bela então o jogou na cama e montou sobre ele, conduzindo o sexo de forma voraz. Manoel não se controlou e o clímax chegou para ele em poucos minutos, mas Bela não parou sua cavalgada selvagem. Ele a segurou pela cintura e tentou levantar, mas ela se apoiou sobre seus ombros e o empurrou de volta, pressionando-o ainda mais entre suas pernas.

— Ei, calma aí! Devagar. Me deixe descansar um momento — disse, mas foi respondido com um rosnado.

Bela gemia enquanto o segurava com força e suas unhas causavam pequenos cortes nos ombros de Manoel. Ele tentou argumentar mais uma vez dizendo que ela o estava machucando, mas a jovem não lhe deu ouvidos, parecia estar em uma espécie de frenesi. O homem tentou forçar seu corpo para cima mais uma vez, gritando para chamar a atenção dela, que finalmente o encarou. O azul brilhante dos olhos de Bela havia quase desaparecido por

completo, exceto por um milimétrico círculo em volta da grande íris amarela que ficara em seu lugar.

Isso o assustou, mas não era a única mudança. Os braços dela pareciam mais fortes e musculosos que antes, pelos escuros começaram a crescer sobre eles, e a dor no ombro de Manuel aumentava. Ele olhou para o lado e percebeu que estava preso por enormes garras que despontavam de dedos grossos e peludos, garras que penetravam a sua carne e pelas quais o seu sangue escorria.

Quando olhou para cima novamente, viu que o rosto belo da garota agora tinha pelos espessos, orelhas pontudas e um focinho alongado. A criatura que estava sobre ele era uma fera, meio humana, meio lupina, e soltou um uivo agudo que ecoou pela casa e fez o corpo todo de Manoel se arrepiar. Depois, com a língua quente e úmida ela lambeu o sangue que escorria dele.

Manoel tentou se soltar uma vez mais, inutilmente, e dessa vez ao perceber a tentativa, a criatura começou a rosnar, encarando-o de perto e, em um movimento rápido mordeu-lhe o pescoço, dilacerando a carne e fazendo o sangue espirrar. Ele gritou engasgado em seu próprio sangue enquanto ela mordeu novamente, e mais uma vez, até que a cabeça se separou do corpo e ele parou de se mover. A lua cheia continuava brilhando alta no céu, e um uivo agudo e prolongado pode ser ouvido ecoando pela noite.

Um ano depois da morte de Manoel Bibiano dos Prados, Jundiaí finalmente iria poder dormir mais tranquila. A notícia de que o animal que atacou e matou brutalmente um dos filhos ilustres da cidade foi finalmente capturado, deixou cidadãos e autoridades aliviados. O vereador Lisandro garantiu que a onça pintada seria levada para uma área de preservação. E a casa onde Manoel morava finalmente voltaria a ser ocupada. A socialite européia Bela Sjenavranaić postou um agradecimento em suas redes sociais, com uma foto de seu filho Erik. Após a confirmação do teste de DNA, o bebê de três meses enfim teria direito à herança de Manoel e poderia se mudar para a luxuosa casa no alto da colina.

Por parte da mãe, o garoto herdaria não apenas o sangue de linhagem nobre e um bracelete de ouro com a insígnia do corvo, mas também algo muito mais selvagem, pois seus olhos brilhavam com uma tonalidade

amarelada nas noites de lua cheia.

Sou um escritor iniciante, autor dos contos Batida Sombria (publicado na antologia O Que Há Nas Sombras), iCBox (a ser publicado na antologia Horrores Gélidos) e Dirigindo Para a Morte (a ser publicado na antologia Dia de Los Muertos).

O Zelador

Thiago Orth



Célia havia começado como professora na escola estadual mais antiga da cidade havia uma semana. Pela falta de professores durante o ano, ela ficou sobrecarregada com todas as turmas de ciências do ensino fundamental, biologia e química do ensino médio.

Sempre acabava levando toneladas de provas e trabalhos dos alunos para corrigir em casa. Naquela sexta-feira, porém, ao fim das aulas noturnas, ela decidiu que iria terminar a pilha de correções do dia na sala e ir para casa aproveitar o fim de semana sem trabalhos extras. A professora pegou a chave da biblioteca, que já se encontrava fechada, e se entocou em meio aos livros para terminar seu trabalho, contudo aquilo levou mais tempo do que ela previa.

— Meu Deus! — exclamou assustada, olhando para o relógio que

marcava duas da madrugada.

Recolhendo às pressas suas coisas, saiu da biblioteca, espantando-se ao ver as luzes dos corredores de dentro do colégio todas apagadas. Tateou a parede na busca do interruptor, mas não o encontrou.

— Olá? Tem alguém aqui? Sara? — chamou pela colega da secretaria, onde ficava a sala mais próxima da biblioteca.

Sem resposta, se esgueirou tateando as paredes, tentando desviar dos bancos, bebedouro e vasos de plantas que se espalhavam pelo corredor, até alcançar a sala da secretaria, mas percebeu que se encontrava trancada. Por sorte, encontrou o interruptor das luzes do corredor. Duas lâmpadas se acenderam, a mais distante piscou várias vezes e ficou em meia fase. Célia correu para a grande porta de saída do prédio principal, que levava para a rua, mas também se encontrava trancada. Ela forçou como pôde, tentando abrir essa passagem, mas parecia que uma grossa corrente bloqueava a porta pelo lado de fora.

— Tem que ter alguém aqui! Célia, sua burra, como foi perder a hora? — Esbravejou, olhando para o celular que estava sem sinal. — Droga!

Um barulho de metal estridente chamou sua atenção. A professora, com muita cautela, decidiu averiguar o que teria sido aquilo.

— Fernando? Cristiano? Tem alguém aqui? Olá? — perguntou, torcendo para que algum colega se manifestasse, mas ninguém apareceu.

O som ficou mais alto à medida que ela se aproximava do portão que levava para o pátio central. Célia tentou abri-lo sem sucesso. Olhou para a escuridão lá fora, tentando identificar algo. Outro barulho a assustou. Dessa vez, vindo do corredor à sua direita. Ela se virou bruscamente, arregalando os olhos, buscando ver algo no fim do corredor, coisa muito difícil por causa da luz fraca e que piscava sem parar. Além disso, o corredor à esquerda era iluminado apenas pela fraca luz da lua que adentrava pelas altas janelas rentes ao teto.

A mulher olhou para os dois lados e seguiu para aquele corredor, quando um vulto se moveu ao final.

— Quem está aí? — perguntou, se aproximando.

Seus olhos foram se acostumando à escuridão e a silhueta de um homem grande e corpulento foi se formando.

— Com licença? Pode me ajudar? — perguntou ao desconhecido que se virou e acendeu um lampião a óleo, deixando visível um rosto rústico, severo, que trazia uma grande cicatriz abaixo da barba por fazer. Um cheiro

de suor e terra tomou conta do ar denso do lugar. — Acho que não fomos apresentados ainda. Eu sou a nova professora. Você é o zelador?

O homem a encarou com severidade e, de repente, tentou acertá-la com uma tesoura de cortar grama. Célia se jogou para trás, escapando por pouco da lâmina e caindo de costas no chão. Ela ouviu o som abafado das botas pesadas se dirigindo de encontro onde estava. Sem esperar nem um segundo, levantou-se e desatou a correr para longe.

O som dos passos pareciam lhe acompanhar por todo o lado. Ela olhou para trás e só viu escuridão. Mas tinha a certeza de que ele a seguia. Célia correu até o primeiro telefone público que encontrou. Tremendo, o tirou do gancho e percebeu que a linha estava muda. Desatou a correr para próximo telefone, alguns metros mais adiante, mas logo percebeu que também não funcionava.

No instante em que se distraiu, o zelador a alcançou e desferiu um forte golpe com a tesoura, que acertou o aparelho telefônico, quase o arrancando da parede. A professora soltou um grito, cambaleou para trás e fugiu o mais rápido que seus pulmões conseguiram bombear ar.

Ela sentiu o líquido quente e pegajoso escorrer de seu braço. Quando olhou, percebeu o grande talho em sua pele que a tesoura havia feito, seguido de uma ardência alucinante.

Célia foi abrindo as portas que davam acesso aos outros prédios da escola. Encontrou uma porta de vidro, e era justamente esta a possibilidade de levá-la ao pátio mais distante do colégio. Poderia até tentar escalar o muro e pedir ajuda nos condomínios vizinhos, mas ela forçou a porta sem nenhum sucesso. Recuou, olhando para todos os lados. Pegou um extintor da parede e jogou com toda a força no vidro, que se estilhaçou em dezenas de pedaços.

O ar fresco da madrugada adentrou o prédio, dando à mulher uma nova esperança. Ela correu pelas quadras de futebol até alcançar uma pracinha mal cuidada no fim do pátio, onde a grama e o mato tomavam conta dos brinquedos. Já podia visualizar o muro alto. Se usasse as árvores, poderia escalar. Célia parou bruscamente ao ouvir um alto e agudo assovio. Olhando para trás ela viu o zelador parado, mas estava tão longe que não a alcançaria a tempo se fosse rápida. De repente, do meio do mato saiu correndo um enorme cachorro feroz que latia e rosnava descontrolado, espalhando a baba grossa e espumosa para todo o lado.

Nada sabia da origem daquele bicho, pois durante sua semana de trabalho nunca havia visto ou ouvido falar do animal. A única saída que viu

foi se dirigir a uma pequena entrada aos fundos do ginásio do colégio. A professora jogou toda a força de seu corpo na porta de metal que, por sorte, escancarou-se poucos instantes antes do cachorro alcançá-la. Arrastou um armário velho para obstruir a passagem na tentativa de atrasar o homem.

Célia atravessou o ginásio, tentou abrir a porta que levava de volta à escola, mas estava trancada. Fortes batidas começaram a ecoar pelo lugar quando o zelador começou a forçar de forma violenta a porta obstruída.

A mulher seguiu rapidamente para uma sala de almoxarifado, na esperança de encontrar a chave da porta trancada. Abafou um grito com as mãos quando visualizou um corpo que balançava suspenso no ar, pendurado por uma corda amarrada em uma viga no teto, na pequena sala. Ela tentou ver de quem se tratava, mas a escuridão encobria o rosto barbudo do homem. Foi quando ouviu o armário, que bloqueava aquele acesso, cair com um som estridente no chão. A porta se escancarou e o cão veio em seu encalço. Ela tentou correr, mas a fera era muito rápida, pulando e a derrubando no chão. Pela pequena claridade que adentrava da rua através das janelas da salinha, ela pôde ver o rosto desfigurado do animal. Parecia que seus olhos haviam saltado das órbitas e exibiam uma coloração esbranquiçada. A pele descolando do corpo que quase não tinha pelos.

A besta mordeu a perna de Célia e puxou seu corpo com força. A mulher tentou se desvencilhar, segurando-se no que encontrou pela frente. Derrubou uma mesa repleta de objetos e algumas cadeiras. Tateou o chão em busca de algo que pudesse lhe ajudar e encontrou um objeto pontudo. Seu instinto falou mais alto quando cravou, ao que parecia ser, uma chave de fenda no crânio do cão que soltou sua perna e caiu para o lado com um grunhido.

Ela se esgueirou de volta para o ginásio, torcendo para que a escuridão lhe protegesse, entrando na primeira passagem que encontrou. Percebeu que estava nos vestiários. Sem pensar se trancou em um dos armários de metal, onde os estudantes guardavam suas roupas. Amarrou uma camisa velha e suada em sua perna na tentativa de estancar o sangue. Exausta e dolorida a professora procurou se acalmar e ficou atenta a qualquer barulho. Por minutos a fio, não ouviu nenhuma movimentação e, aos poucos, foi caindo no inconsciente.

Célia não soube quanto tempo se passou, mas despertou assustada com o intenso cheiro de suor e terra que invadiram suas narinas. Sabia que o zelador estava por perto.

Os passos graves foram ficando cada vez mais altos. Ela abafou um grito quando um forte barulho de metal se contorcendo ecoou pelo prédio. A professora sabia que não podia ficar esperando que ele a encontrasse. Tomou coragem e saiu às pressas de seu esconderijo. Por sorte o homem ainda não havia alcançado o vestiário em que estava, mas logo o faria. Ela viu apenas a silhueta dele quando passou correndo, como pôde, pela entrada do vestiário feminino. Sua perna produziu uma dor excruciante que fez todo seu corpo arder e sua visão embaçar, mas tinha que continuar, não importava como.

No horizonte um esparso filete de luz começava a clarear a noite. Foi quando Célia pensou que pudesse chamar a atenção de algum transeunte. Dirigindo-se ao pátio, fez o caminho de volta para a escola e se encaminhou para a entrada principal.

Chegando lá, quase sem forças, gritou por ajuda ao mesmo tempo em que batia e balançava com desespero a grande porta. Olhou para trás e viu o zelador se aproximando de forma lenta, empunhando a tesoura enferrujada, pronto a desferir um golpe. Ela se encostou à porta, sem ter para onde fugir, e fechou os olhos aguardando o próprio fim.

De repente a porta se abriu e ela se viu caída ao chão, gritando e esperneando.

A mão a segurou e a chacoalhou.

— Célia? O que está fazendo aqui? Você está bem? Está sangrando — perguntou um homem franzino de óculos.

— Rogério, Ele quer me matar! — respondeu apavorada, atirando-se aos braços do colega. — Temos que correr!

— Acalme-se! De quem você está falando? Não tem ninguém aqui.

— O zelador! Ele estava aqui agora há pouco! — disse trêmula, olhando para dentro do prédio.

— Que zelador? Nós não temos zelador aqui na escola. Não mais, desde que o último se enforcou há 50 anos.

Sou professor, músico, escritor, astrônomo amador, designer e historiador. Um pouco de tudo e sempre absorvendo novos conhecimentos. Busco contar histórias fantásticas que possa tocar e fazer o leitor refletir. Através das artes me expresso e através das palavras me completo.